



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – PPGE
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

DIEGO MEDEIROS FARIAS

**CARTOGRAFIAS DA BIOLEITURA NO SITE G1 (2018-2019): UMA ANÁLISE
DISCURSIVA A PARTIR DA NOÇÃO DE DISPOSITIVO EM FOUCAULT**

Feira de Santana
2020

DIEGO MEDEIROS FARIAS

**CARTOGRAFIAS DA BIOLEITURA NO SITE G1 (2018-2019): UMA ANÁLISE
DISCURSIVA A PARTIR DA NOÇÃO DE DISPOSITIVO EM FOUCAULT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Departamento de Letras e Artes da UEFS, como requisito parcial para obtenção do título do Mestre em Estudos Linguísticos, sob orientação da Prof. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges.

Feira de Santana
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

Farias, Diego Medeiros Farias

F238c Cartografias da bioleitura no site G1 (2018-2019): uma análise discursiva a partir da noção de dispositivo em Foucault / Diego Medeiros Farias. - 2020.

88f.: il.

Orientadora: Carla Luzia Carneiro Borges

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2020.

1. Discurso. 2. Dispositivo. 3. Bioleitura. I. Borges, Carla Luzia Carneiro, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

TERMO DE APROVAÇÃO

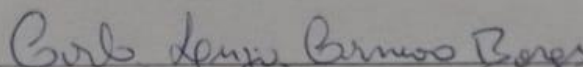
DIEGO MEDEIROS FARIAS

**CARTOGRAFIAS DA BIOLEITURA NO SITE G1 (2018-2019): UMA ANÁLISE
DISCURSIVA A PARTIR DA NOÇÃO DE DISPOSITIVO EM MICHEL FOUCAULT**

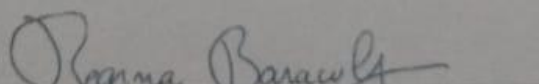
Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre
em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 13 de março de 2020.

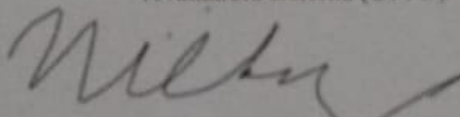
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges
Orientadora (UEFS)



Profa. Dra. Maria Regina Baraculy Leite
Avaliadora Externa (UEFS)



Prof. Dr. Nilton Milanez
Avaliador Interno (UEFS)

Dedico essa dissertação
a todas as minorias e formas de resistência.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Rita, minha avó Vanda, minha irmã Patrícia e toda minha família, que mesmo sem entenderem o que estou produzindo em termos de pesquisa, me ajudaram como puderam.

À Regina Baracuhy, por ter aceitado fazer parte da banca, tendo contribuído com ótimas ideias as quais ajudaram e muito a minha dissertação.

À Nilton Milanez, professor que admiro e que nos ajuda muito com suas excelentes contribuições juntamente com toda equipe Labedisco: muito obrigado pela oportunidade, sem você, não estaria no mestrado.

À “pró” Carla, que com muita sabedoria orientou essa pesquisa. Me deu total liberdade para desenvolver a dissertação. Ao ter compreensão com tudo que ia me acontecendo nas adversidades da vida, foi uma verdadeira mãe. Que Maria passe na frente com seu filho Jesus e te proteja com seu manto de luz. Obrigado por cuidar de mim.

À Kamille Carvalho, doce anjo, que me amparou em queda e me mostrou novamente a direção da luz.

À Laila Morgan, que quando pensei em jogar tudo para o alto e abandonar essa pesquisa, foi quem disse para eu ter fé e continuar.

A Mara, Isla, Denise, Sandra, Juliana, Suany, Clara, Estácio, Daniel, Elim, Alex, Matheus, Thomás, Joselmo, Caio, Mayara, Ivan, Jonas, Carlos, Tiago, amigos do peito.

A Edna, Dani, Tami, Lud, Rena, Pablito, Gus, Thy, Ilda e todo o pessoal do LINSPI, grupo de pesquisa participativo e acolhedor. Nossas reuniões são inesquecíveis: a cada encontro um babado forte. Continuem se dedicando com amor pela pesquisa.

À Dona Branca (Dona White), aos vigias, seguranças e pessoal da limpeza da UEFS e todos professores e funcionários do PPGEL, em especial, do MEL.

“Um Pouco de Possível, senão Eu Sufoco...”
(Foucault *apud* Deleuze, 1992 p. 131)

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo fazer uma análise discursiva das notícias sobre leitura no portal de notícias G1, num recorte temporal que vai de 2018 à 2019, de modo a produzir um “diagnóstico do presente” acerca do que vem sendo enunciado enquanto práticas de leituras em tais notícias. No primeiro capítulo, através da arqueologia do saber, fazemos um trabalho minucioso sobre as “condições de possibilidade” de existência de um portal de notícias nos moldes do G1 e os discursos que o atravessam no decorrer da sua formação histórica através do grupo Globo, de modo que estabelecemos o domínio midiático enquanto tecnologia de poder que suscita tipos de subjetividades específicas para a finalidade da ordem e do controle. No segundo capítulo, delimitamos o conceito de dispositivo na obra de Michel Foucault, investigando, em seus livros e aulas, os momentos nos quais o conceito aparece, de modo a delinear a noção de dispositivo para a análise do nosso *corpus* e suas correlações com a genealogia do poder em termos de práticas de leitura, de modo a verificar as linhas do dispositivo em sua totalidade para se pensar na rede discursiva e suas dimensões de saber, poder, processos de subjetivação, resistência e estética da existência. No terceiro capítulo, através de um deslocamento conceitual, criamos o conceito de Bioleitura, a partir do que seja Biopoder e Biopolítica na obra de Michel Foucault. Pensamos nesses discursos enunciados no portal G1 como um discurso de Bioleitura, que trata em síntese, da organização, hierarquização e disciplinação política dos corpos que leem nos vários espaços do corpo e corpo social, além de suscitar como a leitura serve para produzir tipos de subjetividades e sujeitos, cujos corpos são tomados pelo controle de poder e pelas instituições.

Palavras-Chave: Discurso. Dispositivo. Bioleitura.

ABSTRACT

This research aims to make a discursive analysis of news about reading on the G1 news portal, in a time frame that goes from 2018 to 2019, in order to produce a “diagnosis of the present” about what has been enunciated as reading practices in such news. In the first chapter, through the archeology of knowledge, we do a detailed work on the “conditions of possibility” of the existence of a news portal along the lines of G1 and the speeches that cross it during its historical formation through the Globo group, from so that we establish the media domain as a technology of power that raises specific types of subjectivities for the purpose of order and control. In the second chapter, we delimit the concept of device in Michel Foucault's work, investigating in his books and classes, the moments in which the concept appears, in order to outline the notion of device for the analysis of our corpus and its correlations with genealogy of power in terms of reading practices, in order to verify the lines of the device in its entirety to think about the discursive network and its dimensions of knowledge, power, processes of subjectification, resistance and aesthetics of existence. In the third chapter, through a conceptual shift, we created the concept of Bioleitura from what is Biopower and Biopolitics in Michel Foucault's work. We think of these speeches enunciated on the G1 portal as a discourse of Bioleitura, which deals in synthesis, with the organization, hierarchicalization and political disciplination of the bodies that read in the various spaces of the body and the social body, in addition to raising how reading serves to produce types of subjectivities and subjects, whose bodies are taken over by power control and institutions.

Keywords: Discourse. Device. Bioleitura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Menu</i> do G1.....	22
Figura 2: Política do grupo Globo.....	23
Figura 3: <i>Banner</i> para conhecer a visão, missão e princípios do Grupo Globo.....	24
Figura 4: Princípios do Grupo Globo.....	25
Figura 5: Jornal A Noite.....	28
Figura 6: lançamento do site Globo.com.....	29
Figura 7: Página Inicial do G1.....	30
Figura 8: Fale Conosco do G1.....	31
Figura 9: barra de pesquisas do G1.....	39
Figura 10: Notícias sobre leitura no G1.....	40
Figura 11: Leitura e Teatro em Lar dos Vicentinos.....	42
Figura 12: Leitura em Cadeia.....	44
Figura 13: Trilhas Literárias.....	46
Figura 14: As Cores da Escravidão.....	48
Figura 15: Leitura e Alfabetização.....	50
Figura 16: Leitura e Comportamento.....	51
Figura 17: Espaço de Leitura Infantil.....	53
Figura 18: Influência do Hábito de Leitura.....	54
Figura 19: Notícias Sobre Leituras.....	56
Figura 20: Hábito de Leitura na Infância.....	57
Figura 21: Projeto de Redução de Pena.....	71
Figura 22: Leitura de Férias.....	74
Figura 23: Como cultivar hábito de leitura diário.....	76
Figura 24: Artistas e Gosto pela Leitura.....	78
Figura 25: Leitura brinca com a imaginação.....	80
Figura 26: Atrofiando hábito de leitura em práticas digitais?.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1	
CARTOGRAFANDO O OBJETO LEITURA, O CORPUS.....	16
1 DOMÍNIO DE MEMÓRIA E ATUALIDADE DISCURSIVA NO SITE G1.....	21
1.1 Aparecimento do G1: O Discurso que o Precede.....	21
1.2 Historicidade: Memória e Atualidade.....	27
1.3 O Dispositivo Político-Midiático.....	32
2 O DISPOSITIVO.....	39
2.1 Investigando o Conceito de Dispositivo e Sua Genealogia.....	39
2.2 Dispositivo Como Um Conjunto Multilinear.....	55
2.3 Nós Hoje. É Possível Constituir Discursos Estéticos?.....	62
3 PISTAS PARA SE PENSAR NUMA BIOLEITURA.....	69
3.1 A Leitura na Sociedade do Controle.....	70
3.2 Bio o Quê? Sobre Política e Poder.....	73
3.3 A Formação dos Conceitos em A Arqueologia do Saber.....	78
CONSIDERAÇÕES	
‘ARQUEOGENEALÓGICAS’.....	83
REFERÊNCIAS.....	8
5	

INTRODUÇÃO

Nem pelo fim, nem pelo começo, mas pelo meio... Estamos além e aquém do nosso tempo. Arquitetar uma introdução significa querer revelar alguns lampejos daquilo que irá se suceder/desenvolver nas seções. Não tento explicar a maneira pela qual a pesquisa se sucedeu, mas tento evidenciar as trajetórias percorridas até o momento. Lembrando que trabalhamos com os conceitos de Michel Foucault, não porque não existam outros autores a serem trabalhados, mas por ser um ponto chave para as análises que aqui serão feitas. Segundo Deleuze (2016), quando escolhemos trabalhar com Foucault, não é porque temos apenas admiração pelo mesmo, mas porque temos algo a fazer com ele. E então, o que fazer hoje com Foucault?

Essa pesquisa não é constituída pela linearidade de uma ‘construção histórica’, por um seguimento ordenado e cronológico no sentido de suas análises. O que há, é uma série de rupturas, descontinuidades, processos que buscam ‘romper’ a história no sentido como a mesma se apresenta para poder ‘investigar’ a fundo o objeto de pesquisa. A trajetória é sempre aleatória, às vezes acreditamos estar bem perto do fim, e quando de repente, somos levados para outros direcionamentos, outros horizontes, descobrindo outras possibilidades, outros enunciados: tudo está conectado entre si, uma verdadeira rede enunciativa, contendo suas possibilidades, trajetos, mapeamentos... Por isso que se trata também de um trabalho cartográfico, sem se preocupar com um método científico que se pretende universal. O que significa abrir mão de métodos delimitados, de modo a produzir questões outras que não se ajustam a modelos científicos, dicotômicos, delimitados por um tipo de testagem única, como se fosse uma fórmula que valeria para todos. A abordagem que pretendemos diz respeito a um período histórico, portanto, os sujeitos que agora escrevem (há em mim, multidões) enunciam um período, que segue transformações, deslocamentos, atravessamentos, sempre desaguando em enunciados que por si mesmos, já mostram alguns apontamentos. Mas, para onde ir? Ou melhor, de onde partir?

2019. A priori, o objetivo era fazer uma análise discursiva das notícias sobre leitura apresentadas no portal de notícias G1, do grupo Globo, de modo, que em tópicos específicos, a problemática dos objetivos seria: [1] considerar o portal de notícias G1 enquanto dispositivo de controle; [2] Verificar como tais notícias sobre leitura são apresentadas para o leitor do G1; [3]

Verificar qual o impacto dessas notícias sob leitura na subjetividade do leitor; [4] Identificar possíveis visibilidades, enunciações, (não) ditos e interditos no site G1 no que concerne as práticas de leitura; toda essa operação se dá através de cartografias que visam o discurso.

Tratamos esse *corpus* como um ‘monumento’ documental, ou seja a visibilidade enunciada no sentido foucaultiano do termo, que mostra o que foi visível e enunciado em uma determinada época histórica, de modo que articulamos os sentidos que nos apresentam, as questões discursivas, os desdobramentos implicados na relação saber/poder na ótica foucaultiana. Trata-se de relacionar o objeto com o *corpus* e ver o que foi produzido e não os porquês, mas o que permitiu a sua emergência hoje, enquanto atividade analítica e discursiva.

Iremos imergir num período histórico que vai de 2018 a 2019. Tal recorte diz respeito à condição de possibilidade do meu objeto. O portal de notícias G1 foi inaugurado em 2006, a priori, até pensamos em analisar as notícias desde a origem (data de lançamento) do portal de notícias, mas ficaria impraticável para tão pouco tempo, então selecionamos um recorte temporal específico, já que o mesmo vem proliferando discursos desde esse período. É aí que entra o papel cartográfico do pesquisador, que seria mapear as notícias e aí, juntamente com o método proposto por Foucault em sua arqueologia do saber e genealogia do poder, fazer um mapa discursivo a partir da noção de dispositivo em Foucault. O que nos levou para outros direcionamentos teóricos conceituais, a exemplo da **Bioleitura**, um conceito que propomos com os deslocamentos da teórica foucaultiana acerca de Biopoder e Biopolítica, para se pensar as análises com a questão da governamentalidade. Essa seria a posição que nos dispomos enquanto pesquisadores: cartografar, deslocar, mover, puro nomadismo da subjetividade: uma vez que não se trata de uma pesquisa sobre o objeto, mas feita com o próprio objeto, suscitando locais de fala e posições subjetivas distribuídas pelo discurso enunciado em tais notícias. Mapeamos as notícias de leitura, em sentido cartográfico, ou seja, de maneira experimental, uma série de enunciados, de visibilidades, sons, cores, modalidades de saber e poder, feitas de forma dispersa, como os círculos concêntricos, ou por dimensões específicas, ora em uma, ora em outras, e aí, produzindo o fio condutor do qual permitiu que essa pesquisa fosse feita. A noção de dispositivo em Foucault foi o que possibilitou estes desdobramentos. E como aqui nada é sequencial, cronológico, iremos nos deslocar por esse estrato histórico de diversas maneiras, às vezes coincidindo com o tempo linear, às vezes esse tempo é fragmentado, e aí podemos comprimir e expandir nossa análise, dentro do domínio histórico selecionado (2018-2019).

2017. Essa pesquisa é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS) com enfoque na Análise do Discurso de abordagem

foucaultiana. Quando ingressei no grupo de pesquisa Linguagem, Sociedade e Produção de Discursos (LINSP), na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), me deparei com algumas pesquisas sendo feitas na área da análise do discurso de abordagem foucaultiana. Poderia citar as diversas práticas feitas em nosso grupo de pesquisa (LINSP), a exemplo de oficina de leituras, seminários sobre leituras, produção de vídeos acerca das práticas de leitura nos diversos espaços da sociedade. Temos o LINSP itinerante, uma prática de extensão sobre nossas pesquisas a partir das quais saímos do âmbito acadêmico para atingir todo um campo social. Tais pesquisas estão inseridas no projeto “Modalidades do Saber/Poder em Práticas de Leitura” de autoria da Profa. Dra. Carla Luzia. O que me chamou atenção foi justamente a questão de se pensar a leitura por um viés de análise configurada pelos conceitos de Michel Foucault, a exemplo de um ‘método’ de pesquisa que seria ‘arqueogenealógico’, uma espécie de pesquisa feita a partir do prisma da arqueologia, que em resumo, faz uma análise a partir de conceitos como não-linearidades, descontinuidades, enunciado, arquivo, saber; e da genealogia do poder, uma analítica interpretativa que decorre de conceitos como poder, processos de subjetivação, as formas pelas quais o sujeito se constitui, o dispositivo que engloba tais dimensões da pesquisa foucaultiana, noções que servem de base para se fazer uma pesquisa com olhares singulares sobre o objeto de pesquisa. Com isso, precisei compreender o modo com que Foucault faz sua leitura acerca dos objetos que toca, aborda, desenvolve, a exemplo de conceitos, questões, noções e posicionamentos que se desdobram numa análise do saber/poder e que escapam a sistemas, padrões, estruturas fixas, imutáveis. Há aí uma operação de desconstruir não somente o sujeito, mas as instituições, suas relações com o outro, colocando em xeque todo um conjunto de práticas enraizadas no interior de nossa sociedade.

Mediante as diversas pesquisas sobre as práticas de leituras nas diversas áreas, fui impulsionado a pesquisar sobre quais os discursos que circulam sobre leitura na atualidade. A ideia inicial seria pesquisar o discurso sobre leitura na televisão, mas ficaria muito extenso esse trabalho na medida que para organizar o *corpus* demandaria mais tempo do que dispomos. Então lembrei do portal de notícias G1, fui até a barra de pesquisa e digitei a palavra leitura. Apareceu uma série de notícias que abordam práticas de leitura pelo país inteiro, uma vez que o G1 recebe notícias de telejornais de todos os estados, o que ficou mais fácil separar e organizar um *corpus* para análise, por isso o projeto que escrevi inicialmente se chamava “Cartografias da Leitura no Site G1 (2018-2019): Uma Análise Discursiva a partir da Noção de Dispositivo em Michel Foucault.”

2018. Foi a partir do artigo escrito pela minha orientadora “Foucault e *Las Meninas*: Uma Leitura de Resistência do Duplo que sai da Moldura” (BORGES, 2018), que me foi possível ampliar a discussão, suscitando questionamentos e deslocamentos conceituais. Em resumo, trata-se da análise feita por Michel Foucault sobre o quadro pintado por Diego Velásquez, chamado “*Las Meninas*” cuja análise está no livro “As Palavras e as Coisas” (2016). Pergunta-se: é possível pensar a leitura como ato de resistência? Partindo dessa perspectiva, o modo com o qual Foucault faz a “leitura do quadro” é atravessada por noções que se sustentam numa análise que rompe com o convencional ou com estruturas fixas, limitadas. Na direção ‘contrária’, Foucault usa noções como “descontinuidade”, “rupturas”, “dispersão” de modo a fazer correlações históricas que permitem identificar como o objeto aparece em determinada época e quais relações de força/poder o atravessam, permitindo ou interditando seu aparecimento, uma vez que na análise do quadro, o mesmo não pensa a partir de uma estética, de uma crítica da arte, mas de elementos enunciativos que constituem os elementos de sua dispersão. O modo pelo qual Foucault faz leitura de seus objetos, é um olhar arqueológico e genealógico, de modo a abordar os saberes e poderes que os constituem. É em tal perspectiva que conjuro novamente a pergunta feita pela minha orientadora: qual é o lugar da leitura? Que em si é uma pergunta que propõe muita coisa para se pensar (BORGES, 2018).

Há aí duas questões que me surgiram e que me foram pertinentes para produzir esta dissertação. A primeira, foi pensar: como Foucault lê? E a segunda, foi pensar: quais foram as discussões suscitadas pelo autor sobre a noção de leitura? Para tanto, foi preciso fazer toda uma arqueologia na sua própria obra para encontrar algumas pistas para se pensar o modo com que o autor lê e o modo como aborda a ideia/noção de leitura. Não se trata, neste momento, de trabalhar toda a teoria, mas de suscitar algumas pinceladas que servem como introdução à discussão, por exemplo, quando o autor trabalha a questão institucional surgida na relação escritor-leitor. Se alguém lê, alguém tem que escrever. Há aí a dimensão do leitor, a dimensão que seria do espaço público e, portanto, universal. Quem está autorizado a escrever? E quem lê? Há aí uma relação de saberes, primeiro, a de um escritor que possui um saber, um tipo de competência, e a outra, a de um leitor, mas que não se encontra na mesma posição privilegiada do autor, mas numa posição do público, que nos convoca a pensar espaços diferentes, posicionamentos diferentes.

Há também a questão da interdição da leitura, uma interdição constituída por uma moral, quando o autor trabalha a questão da leitura no espaço religioso e de como a mesma afeta a questão do corpo, porque há também a leitura feita pelo próprio olhar em direção ao

corpo do outro. Não é toda leitura que pode circular por aí... O que (não) pode ser lido? Sem contar nos desdobramentos da leitura e sua representação simbólica através das palavras, frases, proposições, orações. Não se pode representar o momento enunciado duas vezes, porque quando se lê alguma coisa, aquela coisa em si, já aconteceu. Somos algo além das palavras que lemos? Considera-se que a palavra não representa aquilo que ela denomina, é o grafismo que não é aquilo que expressa. Há, então, um “resgate” sobre a questão da leitura e sua finalidade última que seria a meditação. Para além de tudo, há também as questões de cunho institucional e relações da leitura com a loucura, na medida em que a instituição interdita tipos de leituras que não se adequam ao regime social, da lei e da ordem estabelecida (FOUCAULT, 2010/2001/1988/2006/1972).

Com tais deslocamentos conceituais, aplicamos no discurso tornado visível e enunciado nas notícias sobre leitura no portal de notícia G1. Não se trata aqui, de estabelecer um conceito de leitura em Michel Foucault, nem também de usar os óculos do mesmo para ler as coisas que pesquisamos discursivamente, mas de extrair daí, um suporte teórico para embasar nossas análises e aí, verificar se é possível insurgir alguma coisa nova, ver o que se repete ou não. Para tanto, é preciso não analisar somente o discurso das notícias no G1 sobre leitura, mas de analisar o próprio portal enquanto institucional, que estabelece regras e relações de forças entre os sujeitos. No entanto, vamos suspender as verdades estabelecidas, a fim de encontrar outros olhares, novos horizontes, por um prisma que nos ajude a compreender a leitura em suas dimensões, em seu próprio existir, em seu próprio enunciado de ser. Um tema tão falado atualmente, mas que nos remetem a discursos outros, impregnados de poderes, tecnologias que atravessam o sujeito, colocando em direção aos interesses das instituições ou o aspecto não discursivo das coisas. Todo esse discurso sobre a leitura e seus desdobramentos dizem respeito aos interesses de quem? Fala-se muito em incentivo à leitura... Será que não lemos? Esse enunciado circula por todo o Brasil, das diversas notícias que li, nos mais variados estados, há o enunciado de incentivo à leitura, daí a necessidade de cartografar tais discursos, numa prática que intercambia com a noção de dispositivo em Foucault, de modo a revelar a produção de sujeitos, discursos, dos quais podemos produzir dados a partir da cartografia: verdadeira experiência com a leitura.

O que, então, possibilitou a emergência de tais discursos sobre a leitura? Uma vez que o Brasil aparece em muitas notícias que circulam no G1, como um dos países que menos pratica o ato de leitura? Há aí uma problemática/verdade que nos aparece de forma clara e ao mesmo tempo sutil, acerca do movimento de resistência com relação a tais discursos. Há alguma resistência sobre os discursos que circulam como oficiais por aí? É esse olhar sobre o

objeto que pretendemos ampliar, indo nas diversas direções que fomos levados a ir. Em outros termos específicos, trata-se de evidenciar as linhas de visibilidade que servem de materialidade discursiva para a produção de sentidos e que são entrecortados por níveis distintos das linhas de enunciação. Numa microanálise discursiva do site G1, objetivamos também, verificar como funciona seu processo de significação, a construção de sentido. Faz-se uma análise' do que representa o G1 e de como se encadeia numa rede de significantes: o próprio discurso em si, a partir de deslocamentos possíveis no que concerne ao G1 dentro de um domínio de memória e atualidade. Verificam-se palavras-chave que se conectam ou que possuem diálogos com o G1, além de identificar qual discurso é produzido a partir daí. Há uma ordem do discurso no campo da mídia política? Há algum procedimento de controle? Almeja-se encontrar pelo menos dois discursos que são referentes em si mesmos e que possuem relações: o discurso político atrelado ao discurso de mídia, de modo a formar um discurso de mídia-política.

CARTOGRAFANDO O OBJETO LEITURA, O CORPUS...

Neste momento, iremos trazer as notícias sobre leitura que circulam no G1. Para tanto, iremos fazer uso da cartografia, como uma prática que produz reverberações com os estudos discursivos foucaultianos. É uma maneira de 'mapear' tais notícias e depois organizá-las a partir da teoria do enunciado em Michel Foucault (*A Arqueologia do Saber*), de modo a organizar por formações discursivas e aí, fazer a análise completa através do conceito de dispositivo.

Sabemos que ao iluminar alguns pontos, outros ficarão obscurecidos, mas a ideia não é simplesmente iluminar tudo, mas fazer insurgirem os discursos que atravessam tais notícias e de como estas constituem um regime de poder e verdade. As notícias sobre leitura no site G1 possuem uma série de tecnologias das quais atravessam o sujeito em suas mais variadas formas de existir. Os vídeos, as matérias, as propagandas enunciadas no G1 possuem ligação direta com o trabalho teórico estabelecido por Foucault. Pergunta-se: por que tais notícias e não outras? Por que tais enunciados e não outros? O que está sendo estratificado/suprimido?

Nesse primeiro momento, trarei um conjunto de enunciados sobre a leitura que circulam no portal G1. Deste modo, para mostrar as práticas de leitura enunciadas no G1, utilizamos os conceitos foucaultianos para operar tal análise, a exemplo dos saberes, poderes, processos de subjetivação, governo de si, dispositivos etc. Ou seja, nosso *corpus*,

inicialmente, é um grande emaranhado de linhas, nas quais vamos desatar alguns nós, puxar alguns fios, e aí, desemaranhar tais linhas e identificar o que nos for possível.

Para construir esse *corpus*, foram necessários alguns procedimentos metodológicos, na medida em que as notícias vão variando com o decorrer do tempo e o arquivo vai sendo estratificado, ficando abaixo de outras camadas de notícias que vão aparecendo. Devo salientar, que o mecanismo de busca de notícias no site G1 foi alterado, de modo que temos apenas as últimas notícias postadas, ou seja, observamos essa questão como uma estratégia de controle da mídia digital, mas lembrando que algumas coisas escapam ao controle e logo adiante direi o porquê.

Enquanto isso, explicamos que o *corpus* da pesquisa foi organizado mediante a data de surgimento do G1 (2006), de modo a investigar as notícias que circulam sobre notícia até o momento presente (2019), mas que optamos por usar um tempo menor (2018-2019), e assim estabelecer um “diagnóstico do presente”. Não se trata de cartografar todas as notícias, em todos esses anos, mas separar por enunciados, num determinado intervalo de tempo que se pretende anual, exemplo, principais notícias de cada ano, de modo a elencar as regularidades discursivas e aí, analisa-las através da arqueogenealogia foucaultiana, método que engloba as questões do saber, poder e processos de subjetivação, que estão dentro do dispositivo, e este por sua vez, é a grande maquinaria que controla o que vai ser visível e enunciado dentro de um regime de verdade no interior da nossa sociedade, neste momento, em nossa época.

O *corpus* foi agrupado e reagrupado diversas vezes, de modo a dinamizar nossa análise e deixar visível o motivo de tal agrupamento, em enunciados e formações discursivas. Consideramos o *corpus* num caráter documental, mas também monumental, no sentido foucaultiano da palavra, correlacionando com a historicidade dos discursos que o constituem. A visibilidade é o que consideramos como este grande monumento, que se permite a visualização. Neste caso, o *corpus* da pesquisa está sendo organizado a partir do enunciado, formação discursiva e período histórico para, então, suscitar as análises discursivas, de modo a verificar se há alguma ruptura ou descontinuidade histórica.

A importância da cartografia para essa pesquisa

Agora objetivamos trazer alguns pontos considerados pertinentes para adentrarmos na concepção da cartografia dentro da análise do discurso, para situar melhor o leitor de como essa pesquisa se sucedeu. Na relação conceitual da questão problema, com a análise do

discurso e uma metodologia, seleciona-se a cartografia enquanto método “rizomático”, em constante produção do novo.

Segundo Deleuze e Guattari (2011), a cartografia escapa aos processos que se pretendem estruturais e não se fixam em padrões representativos que seriam universais. Por exemplo, a cartografia não se restringe a moldes binários, dicotômicos e dualistas, cujo esquema seria um ‘decalque’, repetindo uma fórmula que já vem pronta. Logo, o nosso propósito não é reproduzir o que já foi feito, mas partir para a experimentação. Um rizoma é assim, um emaranhado de conexões que formam um mapa, no qual o processo operacional difere das estruturas codificadas por modelos estruturais na medida em que se abre para a experimentação que de alguma maneira, ajuda a construir algo diferente do que é dado como pronto:

O mapa é aberto, é conectável em todas suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 30).

Aí temos muito o que pensar, na medida em que o mapa possui diversas portas de entrada e saída, sem precisar retornar ao mesmo, decalcando o que está engessado em estereótipos, por isso, a cartografia é um ato performático de intervenção direta que escapa à lógica representacional na medida em que o mapa é feito por linhas de fuga que se agitam em um oceano de possibilidades e enunciados outros num deslocamento de puro nomadismo. O rizoma possui o princípio da cartografia: fazer mapas, construir trajetórias. O rizoma não se ajusta em modelos estruturais, considerados reproduções, caminhos fabricados para uma finalidade. A microanálise ou cartografia, em tal olhar, produz conexões com/entre territórios outros, a fim de gerar multiplicidades, redes autônomas, nas quais permitem chegar em um estado diferente do já representando, metamorfoseando a si mesma, que segundo Deleuze e Guattari (2011, p. 43): “o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga.” A cartografia instala-se como uma pesquisa de um “mapeamento” dos acontecimentos.

Deleuze (1988) considera Foucault um “novo cartógrafo”, justamente pelos deslocamentos da pesquisa foucaultiana. A “alquimia” entre arqueologia do saber e genealogia do poder/subjetividade é um dos indícios nos quais se pode pensar a pesquisa de

Foucault como cartográfica. Há uma “dissolução” da identidade, em processos de subjetivação, em velocidades distintas, só para resgatar uma frase do Foucault (2008, p. 20): “Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo.”

Para Suely Rolnik (1989), é possível mapear “paisagens” psicossociais da subjetividade, na medida em que identidades são “dissolvidas” para criar o novo, considera-se o cartografo enquanto sujeito que “deglute” forças (re)ativas, e que “atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago.” (ROLNIK, 1989, p. 15).

Segundo Fonseca *et al* (2003), a cartografia inspira-se na geografia para a produção dos mapas, territórios, identificar as nuances e os contrastes. A mesma não é em si uma metodologia, mas propõe um diálogo entre o sujeito e o objeto que é suscitado a partir de encontros entre ambos. Ou seja, a cartografia produz o distanciamento do autor para que a pesquisa possa ter estabilidade por si mesma. Não se trata de um decalque pronto, mas de algo produzido, de modo a ter cuidado com a coerência da pesquisa, argumentação, rigor conceitual, sentido produzido. De tal maneira, podemos pensar a cartografia enquanto uma máquina de fazer emergir determinadas potências estratificadas, de modo a criar ou destruir para alcançar o novo: a cartografia é uma forma de ativar as linhas de fuga do objeto de pesquisa, porque o que está em cheque são os devires do mesmo, singularidades manifestas, de modo a romper com a representação estereotipada. Logo, cartografar é habitar um território existencial, mapeando seus acontecimentos, explorando sua natureza, lugares, fazendo insurgir novas paisagens e atingir microuniversos. A cartografia é um processo de se abrir para novas possibilidades de criação num olhar paradigmático-ético-estético. O pesquisador ao se referir ao objeto, insere-o em transformações, em afetos, enquanto potências singulares que insurgem no momento discursivo. Segundo Deleuze (1988, p. 83): “as relações de poder são diferenciais que determinam singularidades (afetos).” A cartografia possui pontos de partida que se abre para as multiplicidades, na qual deve se verificar as intensidades, as potências, aquilo que se faz presente.

Passos *et al.* (2009) indicam direcionamentos para a prática cartográfica no campo da pesquisa. A cartografia funciona como “pesquisa-intervenção” que não se aplica em modelos estruturados, mas que possui perspectivas na forma de abordar o objeto ao se instalar nos trajetos que criaram o mesmo. Significa partir para um encontro com o objeto da pesquisa. É uma investigação dos processos que constituem o objeto e não aquilo que o representa, uma

vez que não existe linearidade em tal método. Não existe uma coleta de dados, mas uma produção de dados. Seria um traçado das “redes de forças” no qual o objeto está inserido, ao identificar as vibrações e cursos dos movimentos: o cartografo é pesquisador que mergulha nas intensidades de tal campo onde o objeto se insere. Acompanhar as produções de subjetividades, invocando a capacidade de insurgir contra o que está fechado. De tal olhar, sabe-se que existem subjetividades que insurgem, e juntamente com elas, uma série de resistências. A construção de um plano coletivo de forças através da cartografia é forma de romper com a representação binária do sujeito e sociedade. Aborda-se uma ética do cartógrafo enquanto “transdutiva e transversal”, entende-se que a relação sujeito-objeto, embora diferentes, pertencem à uma mesma realidade. A cartografia firma-se em três bases no campo da pesquisa-ação, de acordo com Passos *et al* (2009): transversalizar, implicar e diluir a perspectiva do pesquisador, se despir de pré-conceitos e partir para a experimentação. É se instalar no espaço territorial do objeto e passar a habita-lo, uma vez que não é uma pesquisa sobre um objeto, mas com o mesmo. Além de tudo, a narratividade política é um trabalho da pesquisa cartográfica, uma vez que a produção/extração de dados a partir de técnicas distintas apontam para uma posição narrativa do objeto juntamente com o pesquisador.

Segundo Deleuze (1988), num curso sobre os principais conceitos de Michel Foucault, o diagrama pode ser considerado como “a apresentação das relações de força que caracterizam uma formação; é a repartição dos poderes de afetar e dos poderes de ser afetada; é a mistura das puras funções não-formalizadas e das puras matérias não-formadas.” (1988, p. 80). O diagrama seria um mapa aberto das relações de forças, o poder é ‘diagramático’. Tais relações de forças é o que constitui o poder em seu modo de exercício, e as relações de formas é o que constitui o saber enquanto regulamentador.

1 DOMÍNIO DE MEMÓRIA E ATUALIDADE DISCURSIVA NO SITE G1

O portal de notícias G1, do grupo Globo, é o que será tomado, agora, como materialidade discursiva, daquilo que consideramos, sob a perspectiva de Michel Foucault, como um dispositivo de mídia virtual. Compreende-se que o site G1 possui uma historiografia discursiva que se pretende contínua e que o fundamenta, além de ocupar um determinado lugar e status políticos na sociedade. Tal historiografia serve para produzir um tipo de saber sobre si mesmo, de modo a produzir verdades sobre si e ocultar acontecimentos outros, dos quais não servem aos objetivos de controle e poder. A ideia de história linear e cronológica enunciada no G1, serve apenas de engano e leva ao erro porque torna visível apenas aquilo que eles querem nos contar. Em alguns pontos, nesta parte da pesquisa, busca-se descrever os modos como o G1 se inscreve na história, delimitando o seu surgimento, além de identificar quais são os discursos que o legitimam, de modo a analisar os saberes e poderes que o mesmo opera na relação entre sujeitos nos limiares de datas da própria história. Há de se pensar num domínio de memória, como possibilidade de existência do G1, que tem na sua árvore ‘genealógica’, a rede Globo e outros jornais do grupo Globo.

Pergunta-se: quais as condições que podem legitimar o surgimento do discurso de mídia-política constituído no G1? Para responder a esta questão de pesquisa, há de se pensar como a noção de ‘verdade’ é construída em rede a partir do signo da mídia, de maneira a descrever o lugar do “não-dito”, considerado aqui como lugar sem visibilidade ou que foi suprimido da história. Quando falamos em visibilidade, trata-se necessariamente daquilo que foi permitido ser visto e enunciado na sociedade através dos dispositivos do controle. Neste caso, lançamos as seguintes questões: será que existe um dispositivo de mídia em nosso domínio de atualidade? Como seria possível (não) identificá-lo? A partir de algumas “condições” de existência do site G1, enxergamos um regime próprio de enunciação, marcado por acontecimentos históricos, fundado por saberes do tipo midiático, político, ético, moral.

1.1 APARECIMENTO DO G1: O DISCURSO QUE O PRECEDE

Em uma ótica discursiva, o G1 é considerado como um lugar de enunciação que se constitui também de materialidades linguísticas, imagéticas, sonoras, que são postas em relações de forças que fixam e determinam lugares sociais. Para estabelecer a ‘regra’ do aparecimento do G1, faremos uma breve genealogia a partir de uma cronológica enunciada no próprio site como historiografia ‘oficial’, que revela limiares, datas, diferenças, domínios específicos na relação histórica memória-atualidade do G1. Não significa que concordamos com o discurso do G1, no que seria a formação de sua história, mas que tomamos de ponto de partida. Segundo Foucault (2008, p. 56), o status “compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito - não sem antes lhe fixar limites - à prática e à experimentação do saber.” Neste momento, intentamos ‘escavar’ os discursos e suas enunciações com a questão: sobre qual grupo de sujeitos o G1 compartilha seu status localizado dentro de um discurso que o legitima? Além do mais, tanto o discurso quanto a instituição que o fundamenta, são responsáveis pela produção de saberes e normas que dizem o que pode ser feito ou não. E são essas regras que marcam os sujeitos, implicando-os numa forma de existência configurada por relações de forças e estratégias de controle, como visto na apresentação do *menu* no portal G1. O que está visível?

Figura 1: *Menu* do G1



Fonte: g1.com

Num primeiro momento, intentamos delimitar e compreender a “condição de existência” do portal de notícia G1. Faz-se necessário verificar o que permitiu seu aparecimento e identificar quais são os discursos que são atrelados ao mesmo. No lado esquerdo do G1, há o *menu* principal que indica o botão para acessar o conteúdo sobre o

grupo Globo. Ao clicar, o endereço do site G1 (<http://g1.globo.com>) é redirecionado para o endereço do Grupo Globo (<http://www.grupoglobo.globo.com>). Há nessa operação, uma mudança de domínio virtual, há um deslocamento do endereço inicial para outro. Ao ser redirecionado para a página do Grupo Globo, o leitor é recebido com um *banner* que oferece destaque para os termos políticos do grupo.

Figura 2: Política do grupo Globo



Fonte: www.grupoglobo.globo.com

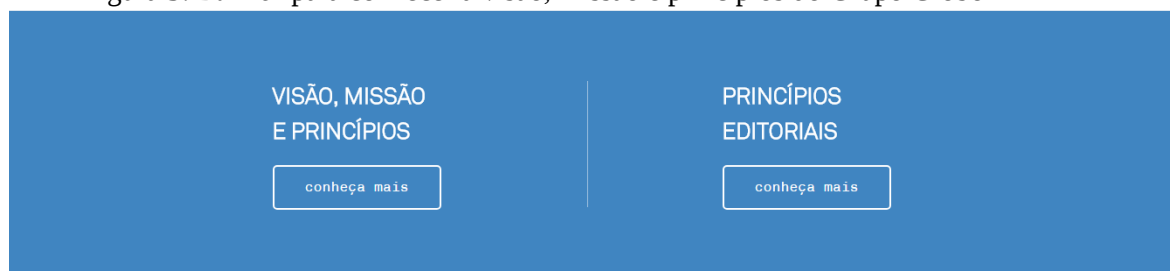
Percebe-se que a câmera está mirando para as letras em destaque, direcionando o olhar para um tipo de visibilidade. A fotografia mostra o olhar de quem filma, direcionando propositalmente o leitor como participante desse processo de filmagem e edição. É o leitor virtual dentro de um cenário, espaço pessoal, que se confunde com o próprio estúdio de criação do Grupo Globo. É um *banner* que ressalta a informação e que produz uma visibilidade dinâmica e acessível, mas que contém enunciados outros que se desdobram em mensagens outras. Percebem-se as letras em cor branca com fonte maior e destacada pelo *banner*. O que enuncia? A afirmação que é um grupo de mídia com capacidade de criação, produção e distribuição de uma materialidade informativa, educadora e divertida. No canto inferior da parte direita, há uma outra afirmação que fala que o grupo possui a origem no Brasil, como fonte de inspiração e responsabilidade. Com letras menores, temos uma descritiva dos objetivos do Grupo Globo, que segundo eles, é informar, entreter e contribuir para a educação brasileira com conteúdo de qualidade, tendo como meta ser um ambiente de encontro e que promove informação, diversão e cultura, que eles consideram essencial para a sociedade que almeja a felicidade de todos e de cada um. Iniciamos aqui, uma analítica da

“ordem do discurso” que circunscreve o Grupo Globo, responsável pelo G1. Existe na segunda imagem, um conjunto de enunciados que apontam o caminho para o discurso instaurado. Aqui, recorremos a Michel Foucault para especificar a produção de discurso:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8).

A partir desta citação é que pensaremos as linhas de enunciação política na mídia virtual. O discurso político do Grupo Globo é atravessado por uma seleção, um recorte, que é a mídia atrelada ao campo da educação e entretenimento. Tal recorte é organizado por um site específico, que tem por objetivo organizar um discurso. É a instituição Grupo Globo inserindo um discurso em circulação para milhares de pessoas, de maneira a contar “a própria história”, numa versão que obedece a saberes, poderes, critérios e status midiáticos com outros discursos (mídia, educação, comunicação, patriotismo, estética, política) que se integram com a proposta do G1. Ou seja, identifica-se qual é o discurso político que norteia as práticas de jornalismo do Grupo Globo, além de como o mesmo se enuncia perante um conjunto ético e moral como discursos agregados ao G1. Observam-se políticas enunciadas como discursos que fundamentam a posição social assumida pelo Grupo Globo, nos campos da informação, educação e diversão. Segundo Foucault (1979, p.8), “o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não só pesa como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” De tal olhar, o informar é inseparável do educar e do divertir, como política do Grupo Globo. Essa posição assumida, diz respeito à produção de um discurso de mídia que se sustenta na relação saber/poder.

Figura 3: *Banner* para conhecer a visão, missão e princípios do Grupo Globo



Fonte: www.grupoglobo.globo.com

Há um banner com letras em *CAPSLOCK* (maiúsculas) que, na linguagem virtual, significa também ‘atenção’, cuja descritiva fala sobre visão, missão e princípios. Logo em seguida, temos o botão “conheça mais”, de maneira a gerar a sensação de que o leitor terá mais conhecimento ao acessá-lo. A cor azul como plano de fundo gera a sensação de tranquilidade, remete ao céu limpo e claro, sentidos que estão no imaginário das pessoas. Enunciam-se os entrelaçamentos de um discurso de mídia com o discurso educacional, cultural, patriota, ligado com a ‘essência’ dos princípios do Grupo Globo, cujas missões são definidas num material específico, o qual abordaremos adiante. O objetivo inicial, é delimitar o discurso político do Grupo Globo. Ao acessar as informações para conhecer os princípios do Grupo Globo, somos direcionados para um material em PDF, que sintetiza todos os princípios da instituição. Inicialmente, temos na cor azul, e em *CAPSLOCK*, uma breve definição destes princípios que segundo a instituição, asseguram a integridade e os resultados positivos alcançados pelo grupo. Os ‘princípios’ do Grupo Globo são sintetizados em 8 aspectos, que são delimitados pela: [1] paixão pela comunicação; [2] brasilidade; [3] atitude otimista; [4] talento e liderança; [5] respeito à diversidade; [6] qualidade e inovação; [7] estética; [8] crescer juntos. Há um resumo para cada princípio, que também é representado por imagens que traduzem esses princípios. As imagens são recortadas de forma circular, remetendo um tipo de botão. Há figuras diversas, de pessoas, homens, mulheres, negros, brancos, jovens, idosos, todos sorrindo. Figura 4: Princípios do Grupo Globo

TODAS AS NOSSAS OPINIÕES, DECISÕES E AÇÕES DEVEM SE SUSTENTAR EM NOSSOS PRINCÍPIOS. SÃO ELES QUE NOS DEFINEM, ASSEGURAM NOSSA INTEGRIDADE, NOSSA FORÇA E OS BONS RESULTADOS DOS NOSSOS NEGÓCIOS.



PAIXÃO POR COMUNICAÇÃO

A comunicação nos apaixona em todas as suas dimensões. Na elaboração do nosso trabalho, nos vínculos com o nosso público e no impacto positivo que pode proporcionar à sociedade.



BRASILIDADE

O Brasil é a nossa origem e a nossa fonte de inspiração. Acreditamos que a cultura brasileira tem uma contribuição a dar ao mundo.



ATITUDE OTIMISTA

Somos otimistas em nossas atitudes e em nossos objetivos. Investimos num futuro melhor e nos comprometemos com ele, fazendo hoje tudo o necessário para construí-lo.



TALENTO E LIDERANÇA

Desde a origem, nossa marca tem sido trabalhar com os melhores talentos e dar a eles condições para sua realização profissional. Esta é a base para se alcançar a liderança.



RESPEITO À DIVERSIDADE

O respeito ao outro, a valorização da diversidade e a convicção de que todos dependem de todos são componentes essenciais da nossa identidade.



QUALIDADE E INOVAÇÃO

Buscamos qualidade em tudo o que fazemos. Queremos que nosso público perceba nossos produtos como os melhores, atendendo às suas necessidades e superando suas expectativas.



ESTÉTICA

Somos comprometidos com a estética. Tudo que resulta deste compromisso encanta, educa e enriquece a vida das pessoas.



CRESCER JUNTOS

Nossa atuação deve ser benéfica para todos que se relacionam conosco e assim ser percebida.

Figura 4: Princípios do Grupo Globo

Fonte: www.grupoglobo.globo.com

Na primeira imagem, vemos todos sorrindo. Discursivamente, o sorriso é lugar de aceitação. No centro da figura, há uma seta apontando para dois lados, numa curva que forma um tipo de sorriso, além de encontrarmos corações, coroas, além da imagem do Superman na parte inferior central da imagem. São figuras que enunciam o amor e a paixão pela comunicação, lembrando que o Superman tem na sua figura onomástica, o Clarke Kent, escritor e jornalista do planeta diário. Significa dizer que ser do Grupo Globo é ser um super-herói. Na segunda imagem, que diz respeito à ‘brasilidade’, a imagem é deslocada para cores que remetem à bandeira do Brasil, enunciando a origem do princípio do Grupo Globo, um patriotismo e valorização da nação brasileira, integrando então, um discurso cultural para o grupo, como se o mesmo fosse parte da cultura brasileira. Percebe-se o destaque para o verde, azul e amarelo, cores que correspondem à bandeira brasileira. Entende-se aqui o patriotismo como princípio da instituição, que é dita de outra forma, como ‘brasilidade’, logo, essa palavra assume um conceito de amor ao país. Na terceira imagem, que diz respeito ao princípio de otimismo, temos a figura dessas mesmas pessoas em cores amarelas, azuis e vermelhas, enunciando um discurso da busca por um “futuro melhor”. Há na figura interior da parte central, uma moça sorrindo e usando uma camisa branca com um *emoticon* de uma carinha sorrindo, com a cor amarela, passando a ideia de otimismo, de que está tudo bem, portanto, deve-se sorrir. Vestir a camisa do otimismo como atitude ética a ser tomada. Na quarta imagem, temos as pessoas sorrindo, usando mochilas de viagem, enunciando também aventura. A descritiva é sobre talento e liderança como condição de uma realização profissional, significando que trabalhar no Grupo Globo é se realizar profissionalmente como base da construção de liderança. Todos estão uniformizados, sorridentes, e ao fundo, percebe-se o topo de uma montanha, logo, a ideia de liderança é correlacionada com a escalada até o topo. Na quinta imagem, temos as pessoas representadas de diversas formas, cores distintas, cabelos diferentes, enunciando o respeito ao outro e a diversidade, evocando a ideia de uma identidade heterogênea. As cores são bem psicodélicas, são cores chamativas, que contrastam umas com as outras, gerando a ideia de aceitação, harmonia e boa convivência com o que é diferente e singular. Na sexta imagem, temos o grupo de pessoas representadas por um vestuário singular, enunciando assim a ideia de inovação e criatividade. Significa que o grupo pensa como o sujeito vai perceber e receber a produção feita pelo grupo, que são os produtos criados para atingir determinados sujeitos. Na sétima imagem, temos cores mais quentes, borboletas na imagem, numa textura que remete ao vintage e ao retrô, enunciando a dimensão

estética do grupo como uma dimensão de encantamento, educação e enriquecimento para a vida das pessoas. Há flores que se juntam com a paisagem, gerando a ideia de sensibilidade. Na oitava imagem e última, temos a representação dessas pessoas como se as mesmas estivessem evoluídas, como se tivessem crescido profissionalmente, enunciando um crescimento coletivo através do benéfico, da união e parceria feita entre ambos, passando a ideia que o crescimento do grupo tem a ver com o seu crescimento individual também.

Há uma quantidade de dez pessoas, em todas as imagens, remetendo à ideia de coletividade, de grupo, cuja união, estabelece os princípios. No canto direito inferior, temos o logotipo do Grupo Globo, que é a instituição que responde por tais princípios, que é a essência do Grupo Globo, que é a palavra que eles acreditam ser chave, na medida em que o mundo está sempre a mudar. Logo, temos a palavra ‘essência’ como uma regularidade discursiva que se pretende ao tradicional, portanto, está no campo da representação ideal. Percebe-se que em todas imagens, no centro, há uma mulher. Pergunta-se: o que é visível e enunciado nestes princípios? O que está sendo visto corresponde ao que está sendo enunciado? Há uma política de mídia atrelada a determinados discursos, dos quais, alguns são mascarados para entrar na ordem do “politicamente correto”. Aqui, podemos suscitar a noção de vontade de verdade, como o verdadeiro da época, na qual vivemos e que enuncia que devemos respeitar a diversidade. Trata-se aí, segundo Foucault (2014), de uma partilha entre o que é verdade e o que não é. Cabe ressaltar que é essa vontade de verdade é um sistema de exclusão porque se apoia numa base institucional. O politicamente correto, neste caso, seria esse sujeito que tem a necessidade de ‘falar’ a verdade. O discurso é acontecimento de uma época, logo, o politicamente correto varia entre às épocas, sendo recortado mediante a vontade verdade.

1.2 HISTORICIDADE: MEMÓRIA E ATUALIDADE

Para entendermos a possibilidade de existência do portal de notícias G1, continuaremos fazendo uma genealogia, agora de sua história ‘oficial’. Há em *CAPSLOCK*, o convite para conhecer os principais momentos do Grupo Globo. Para tanto, é necessário acessar o *link* sobre a história do grupo. É aqui que falaremos dos limiares históricos, os acontecimentos e as datas que marcam um campo discursivo. A importância de se pensar nas transições históricas e discursivas do Grupo Globo serve para entendermos como foi possível constituir o site G1 enquanto portal de notícias e informações, de modo a identificar os discursos que foram agregados com a política institucional ou os discursos que deixaram de

pertencer ao grupo. A importância de tal análise vai demarcar os tipos de enunciações que foram possíveis no passado e que são possíveis hoje.

No dia 18 de julho de 1911, é inaugurado um enunciado cujo reflexo se perpetuaria, tendo como ponto de partida do grupo Globo com a fundação do jornal A Noite, que teve na sua base editorial, reportagens e campanhas voltadas para o social e o cívico, ressaltando a temática popular, que foi uma das maneiras de conquistar “o leitor comum” e por isso, trazia a temática voltada para problemas do cotidiano e cultura popular. Catorze anos depois, Irineu Marinho, em 29 de julho de 1925, lança O Globo, contendo duas edições diárias, com o objetivo de prestar serviços à comunidade. A redação foi formada por jornalistas que acompanharam Irineu Marinho desde a época do jornal A Noite.

Figura 5: Jornal A Noite

A NOITE

Para mais informações sobre o site que traz a história do Grupo Globo



Fonte: www.grupoglobo.globo.com

Em resumo, o nome do jornal foi escolhido num concurso popular. Em dezembro de 1944, é inaugurada a rádio Globo, no Rio de Janeiro, tendo transmissões regulares, shows, programas, notícias sobre esporte e música, que formam a triangulação notícia-futebol-entretenimento. Em 1952, Roberto Marinho inaugura a Rio Gráfica e Editora, tendo como objetivo, a edição de revistas de grande circulação, abordando temas para o público feminino, infantil, cinematográfico, radialista, televisivo. Em 1965, Roberto Marinho compra a TV Paulista, canal 5, que pertencia ao grupo Victor Costa, mas só um ano depois, que a emissora se torna a TV Globo (SP), com a função de transmitir jornais e programas de entretenimento. Em 1969, fundam a Som Livre, gravadora como objetivo de lançar as trilhas sonoras das

novelas da Globo. Em 1977, criam a Fundação Roberto Marinho, uma entidade privada e sem fins lucrativos, com o objetivo de desenvolver atividades nas áreas da educação, patrimônio e meio ambiente, a exemplo de programas como o telecurso 2000, Globo ecologia, além de projetos de educação. Em 1991, é lançada a Globosat, a primeira TV por assinatura do país, que constituía inicialmente por quatro canais. Percebe-se, então, a rede midiática sendo construída e atravessada pelo discurso do grupo Globo.

Figura 6: lançamento do site Globo.com



Fonte: www.grupoglobo.globo.com

Em março de 2000, é lançado o site globo.com, o portal do grupo na internet, tendo como objetivo o oferecimento de serviços e desenvolvimento de plataformas direcionadas à internet. Mas, somente em 2006, que a globo.com lança o site G1 como um portal de notícias do Grupo Globo, unindo em um só endereço os conteúdos jornalísticos da Globo, Globo News, Rádio Globo, CBN, jornais o Globo, Diário de São Paulo, revista Época, Globo Rural etc. O portal teve na sua estreia, um noticiário sobre as eleições de 2006. O slogan da época era “Saiba mais. Saiba antes.” Nessa perspectiva, é possível delimitarmos o que é o G1 e o que está a se tornar? Para responder a tais perguntas, recorreremos à arqueologia foucaultiana como fundamentação analítica, mas antes, apresentaremos a interface discursiva do portal.

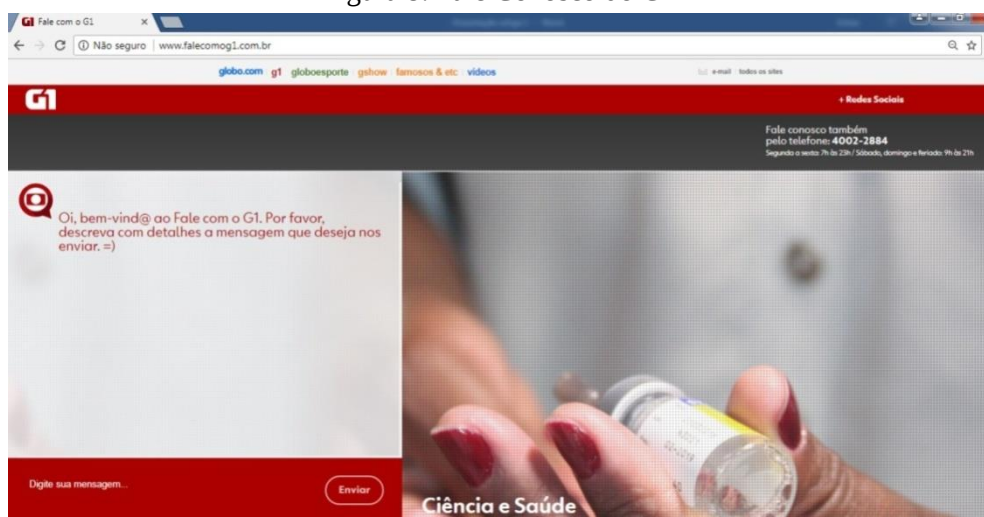
Figura 7: Página Inicial do G1



Fonte: www.g1.com

Temos uma faixa na cor vermelha, indicando atenção. No centro da faixa, temos o logotipo do site G1, sendo que no lado esquerdo superior é o menu e no lado direito superior, a ferramenta de pesquisa “buscar” que tem como objetivo, encontrar notícias através de palavras chaves. Acima da barra vermelha, encontramos *links* para o globo.com, G1, Globoesporte, Gshow, etc. além de uma sessão para se tornar assinante do portal de notícias e ter acesso aos conteúdos que eles chamam de ‘exclusivos’. Logo abaixo, encontramos o espaço para anúncios, um espaço onde fica bem ressaltado o banner com propaganda. No *print*, a propaganda era da rede BBB, patrocinada pela FIAT, cujo símbolo está em evidência. Abaixo da publicidade, começam as notícias, cujos títulos são ressaltados pela cor vermelha, em conformidade com a barra vermelha e com o logotipo do G1. No final do site, na parte inferior, encontramos uma outra série de botões e links para atividades diversas, além de apresentar diversos serviços, relacionados com questões de publicidade e assinatura. O vermelho é uma cor que discursivamente em nosso momento histórico, remete ao alerta, ao chamativo, ao que é necessário ter atenção. Todos esses botões são dispostos na cor branca, contrastando com o vermelho. Além de termos anúncios publicitários, categorizados, na página inicial do G1, temos sessões sobre a política de privacidade e segurança, central da globo.com, assinatura da mesma, além de um espaço para anunciar no G1. As letras são minúsculas, como se fossem algo a passar ‘despercebido’ ou que não fosse notado. No que concerne ao ‘*menu*’ do G1, encontramos várias sessões que direcionam para os mais variados assuntos. Além de dividir os assuntos, separando em grupos, temos editorias, que se dividem em regiões do país. Nessa pesquisa, usamos o botão que direciona para o Grupo Globo, cujo objetivo foi fazer um levantamento histórico, em termos de possibilidade de existência do G1. E agora entraremos no botão do “fale conosco” que é de extrema importância para delimitarmos o tipo de contato proposto pelo G1.

Figura 8: Fale Conosco do G1



Fonte: www.g1.com

Na imagem, temos a mensagem: “Oi, bem-vind@ ao Fale com o G1. Por favor, descreva com detalhes a mensagem que deseja nos enviar. =)”, escrita numa linguagem virtual, usando de técnicas que diz respeito ao espaço virtual, a exemplo do ‘@’ para designar gênero universal e do *smile* ‘=)’ para designar sorriso. Em seguida, temos o espaço em vermelho com letras em branco com o comando escrito “Digite sua mensagem...” seguida de o botão enviar na parte da direita inferior, que serve para que a mensagem seja enviada. Na parte superior da direita, encontramos uma central de atendimento que delimita os horários de atendimento ao público, mais *link* para outras redes sociais cujo G1 abrange, a exemplo do *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*: temos um *banner* intitulado *Ciência e Saúde*, indicando o enquadre temático da notícia exposta.

Delimitadas as condições de possibilidade do G1 através de uma genealogia histórica enunciada pelo próprio Grupo Globo, há de pensarmos o que se tornou o site G1 após os anos de seu lançamento (2006-2019), de maneira a verificarmos o que significa o portal de notícias na contemporaneidade, pensando criticamente o hoje, sobre o que tem sido visível e enunciado no G1, de maneira a identificarmos o que está por vias de acontecer, associando e contrapondo o arquivo com o atual, que é aquilo que estamos por vias de nos tornar, que segundo Foucault (2010, p. 21): “Não se trata, nesse caso, de uma analítica da verdade. Tratar-se-ia do que poderíamos chamar de uma ontologia do presente, uma ontologia da atualidade, uma ontologia da modernidade, uma ontologia de nós mesmo.” Ou seja, quem é o G1 hoje? O que o mesmo permite que nós experimentemos acerca do que circula como informação? Além é claro, de ver quais os discursos estão visíveis e operam em nosso domínio de atualidade em nosso hoje-aqui-agora, seja na forma de acontecimentos. Logo, o

discurso precisa ser levado em conta dentro da própria atualidade, encontrar o seu lugar. Tendo apresentado esses pontos acerca da constituição e operacionalização do G1, partiremos para a explicação de alguns conceitos foucaultianos como analítica usada para ler o site G1 enquanto dispositivo de controle.

1.3 O DISPOSITIVO POLÍTICO-MIDIÁTICO

Embasados pela teoria foucaultiana, consideramos o site G1 enquanto um “dispositivo de controle”, que recorta e seleciona aquilo que vai ser visível e enunciado. Tal conceito será abordado de forma mais ampla em outra seção, por se tratar de um aspecto fundamental para compreender os mecanismos de controle social a partir de determinados discursos. Partindo do discurso do Grupo Globo, o portal G1 é o site mais acessado do país (ao pesquisar no google, as notícias que aparecem primeiro como resultado são as do G1), recebendo divulgação na própria TV Globo. Por isso, fundamentaremos a noção de dispositivo em Foucault para discorrermos sobre as dimensões do saber, poder e dos processos de subjetivação, além é claro, de verificar se há uma dimensão ética-estética.

A mídia do nosso “passado” e a mídia contemporânea são mídias sociais que se configuram com uma tecnologia que atravessa o sujeito num espaço criado virtualmente. O discurso de mídia constitui-se a partir de práticas que atingem o social e imprimem no sujeito o status de mídia-política-educacional. Como o discurso de mídia se reorganizou no decorrer das décadas? Acreditamos que não foi por uma prática técnica jornalística que promoveu um deslocamento do discurso midiático para outros campos dos saberes e seus discursos, a exemplo da instauração de uma tecnologia política que possui o objetivo a disciplina. Desde a origem do Grupo Globo, a comunidade e a população são objetos de um discurso capitalístico que se máscara com as noções de saber/poder. Os sujeitos tornam-se objetos, pois são disciplinados a partir de uma tecnologia de mídia que redistribui um tipo de informação que se pretende universal, de modo a subjetivar através da instituição de uma verdade (FOUCAULT, 1979).

Segundo Foucault (1979), há de se pensar, então, no espaço que a verdade se instaura. Nessa pesquisa, não se trata apenas do espaço virtual, mas também do próprio espaço físico de onde operam os jornalistas do G1 e que possuem um status que legitima um discurso da ‘verdade’ que se constitui a partir de uma localização histórica que se sucede pelos saberes que produz. A produção de um discurso político numa sociedade é a possibilidade de existência de uma tecnologia da disciplina e da verdade, que aos poucos, são diluídas por

práticas científicas e discursos filosóficos. Não se trata do que possa ser a verdade, mas pela possibilidade de essa verdade ser fabricada e dada como algo pronto. Na Microfísica do poder, Foucault explica:

[...] A verdade aí não é aquilo que é, mas aquilo que se dá: acontecimento. Ela não é encontrada, mas sim suscitada: produção em vez de apofântica. Ela não se dá por mediação de instrumentos, mas sim provocada por rituais, atraída por meio de ardis, apanhada segundo ocasiões: estratégia e não método (FOUCAULT, 1979, p. 114)

A verdade através do G1, enquanto dispositivo, estabelece-se através da notícia dada como pronta, enquanto discurso produzido e dado como verdade. Considera-se a noção de ‘verdade’ enquanto acontecimento que não se constitui numa relação que partiria do objeto para o “sujeito do conhecimento” porque é uma relação de luta, controle e dominação: verdadeira relação de poder. A tecnologia da verdade é uma tecnologia do acontecimento, considerado como uma problematização da atualidade, com a insurgência de alguma coisa. Cada acontecimento é diferente, não conseguem atingir o mesmo campo de alcance e nem amplitude que seria cronológica. Para tanto, o autor nos lembra do acontecimento enquanto histórico, algo que modifica e produz abalos. A tecnologia da verdade é acontecimento que produz singularidade. E essa tecnologia não se reduz ao discurso científico. Trata-se do acontecimento em suas fronteiras e dimensões nas quais as forças entram em combate umas com as outras. Ou seja, os acontecimentos em suas multiplicidades, também estão entrelaçados. No entanto, essa tecnologia é reprogramada, passível de transformação, na medida em que não se prende em instituir uma verdade, mas que alcança um campo de aprendizagem e captura dessa verdade num período histórico e espaço de tempo, porque não se trata de produzir verdades, mas de invocar a mesma, fazer com que a mesma se apresente cada vez que for conjurada. A submissão do sujeito a uma tecnologia do virtual, que possui como plano de fundo uma verdade institucional, provém do discurso político da mídia. Quando o Grupo Globo fala que “educa, informa e entretém”, significa que é uma fala autoexplicativa e que comporta um tipo de perigo, que sem generalizar, se traduz da seguinte forma: o sujeito não é educado, não é informado e não possui entretenimento. A abordagem aqui, diz respeito ao que é representado como norma. A Globo mostra a conduta de normal moral. O sujeito acessa o G1 porque precisa se informar, educar e entreter, mas entendemos que nem todo sujeito é assim. A mídia virtual torna-se elemento de uma tecnologia política, não é apenas um lugar, mas um ‘ambiente’ de onde você pode aprender e se informar. Mas o que é circulado como modelo de entretenimento, educação e informação? O discurso político

da mídia ‘detém’ uma tecnologia de poder e controle, através de acessos, de cliques em notícias, de comentários, o G1 esboça uma tabela do que está sendo visível e enunciado, o que torna mais fácil o exercício do poder, procedimentos configurados por forças dominantes e que são colocados em funcionamento no interior de uma sociedade. Segundo Foucault (1979, p. 211): “[...] seria falso dizer que o princípio da visibilidade comanda toda a tecnologia do poder desde o século XIX.”, o que significa que entendemos a noção de visibilidade (o visível) como um instrumento do poder.

No entanto, ao pensar o ‘hoje’, no impacto das redes sociais, num espaço virtual, o conceito de visibilidade midiática comanda boa parte do poder, entrando até mesmo numa relação de força com o aparelho de estado, que, muitas vezes, recorre à mídia para reforçar seu discurso. A tecnologia política do discurso de mídia não se restringe apenas ao jornalismo, mas alcança o campo da educação, política e cultura. A mídia pode falar em nome de outros saberes e assim exercer poder nas camadas sociais. É necessário conjurar os poderes, traçar estratégias que afetem o corpo social, no sentido microfísico, nas “menores partículas” do social. A mídia instaura uma representatividade, uma hegemonia, um discurso do qual não se possa perder o controle. Para situar a noção de genealogia, Foucault (1979) comenta que a mesma é necessariamente uma analítica histórica que identifica a formação dos saberes, discursos e objetos sem precisar recorrer a um sujeito transcendental no que concerne aos campos onde ocorrem os acontecimentos. É indispensável marcar a singularidade dos acontecimentos a partir de um olhar genealógico, entrecortado pelos pormenores, aspectos minuciosos do saber. Significa renegar a busca de uma ‘origem’ porque negligencia os acontecimentos singulares da história.

Segundo Foucault (1979, p. 19), “[...] o genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem, um pouco como o bom filósofo necessita do médico para conjurar a sombra da alma”. O genealogista não busca a gênese ou a origem, mas compreende que é necessário reconhecer os acontecimentos históricos, suas intensidades, abalos, agitações, rupturas, ‘descontinuidades’. Não se trata, para a genealogia, de voltar no tempo e delimitar uma continuidade sem a “dispersão do esquecimento”, também não se trata de evidenciar o passado e afirmar que o mesmo está vivo no momento presente, mas se trata de assegurar aquilo que se passou na dispersão, significa delimitar os desvios da história oficial, aquilo que Foucault chama de ‘acidentes’ que permitiram o nascimento daquilo que existe e possui valor para a sociedade. Significa descobrir na origem do que conhecemos e do que somos, que não há uma verdade nem um tipo de ser, mas necessariamente aquilo que é exterior, a exemplo dos acidentes, desvios e dispersões.

Portanto, a genealogia enquanto uma analítica, localiza-se numa intersecção do corpo e da história: o corpo é marcado pela história, mas também existe uma ‘erosão’ do corpo através da história, que aos poucos o desintegra. Segundo Foucault (1979, p. 35), “se a genealogia coloca, por sua vez, a questão do solo que nos viu nascer, da língua que falamos ou das leis que nos regem, é para clarificar os sistemas heterogêneos que, sob a máscara de nosso eu, nos proíbem toda identidade.” A genealogia revela as forças em ação, sistemas de submissão, jogos de poder. A história gera a sensação de que é possível, ao saber, conhecer sua genealogia. Foucault nos alerta que:

Cada vez mais me parece que a formação dos discursos e a genealogia do saber devem ser analisadas a partir não dos tipos de consciência, das modalidades de percepção ou das formas de ideologia, mas das táticas e estratégias de poder. Táticas e estratégias que se desdobram através das implantações, das distribuições, dos recortes, dos controles de territórios, das organizações de domínios que poderiam constituir uma espécie de geopolítica, por onde minhas preocupações encontrariam os métodos de vocês (FOUCAULT, 1979, p. 164).

Não seria fazer uma genealogia do domínio midiático de forma geral, mas de verificar a possibilidade de existência de um discurso político que atravessa o domínio midiático, tendo em vista que é possível perceber as linhas de força, as lutas, os confrontos entre os poderes, as batalhas que possuem a verdade histórica como efeito político de constituição de discursos. Tal genealogia só é possível quando dissolvida a hegemonia dos discursos universais, compostos por hierarquias e privilégios. E são os efeitos centralizadores do poder que a genealogia busca combater, ou seja, no que concerne à inscrição de saberes no interior de um discurso político configurado pelo poder, a genealogia tem por tarefa, quebrar as correntes dos saberes históricos, tornando-os capazes de insurgir contra os efeitos centralizadores do poder suscitado pelo discurso. A partir de uma genealogia dos discursos políticos de massa midiática no que concerne ao grupo Globo, é possível ver uma constituição de uma certa disciplina que atravessa o sujeito. Desde a origem, o Grupo Globo possui no discurso, um conceito político, como informação a ser circulada na sociedade. Considera-se aqui o dispositivo midiático como ‘aparelho’ de controle ao tornar visível notícias consideradas verdadeiras e normativas, de modo a selecionar e recortar todo um material que foi ‘estratificado’ pelo poder institucional do discurso de uma mídia-política (FOUCAULT, 1979).

Segundo Foucault (1979), trata-se de uma analítica que tem por objetivo traçar o campo de forças que caracterizam nossa concepção atual de mídia. Há de se pensar nos mecanismos que entrecortam os corpos e afetam a subjetividade e singularidade dos sujeitos.

São estratégias cujo o objetivo é a disciplina e o controle. É necessário falar de uma metodológica foucaultiana acerca da análise do poder para demonstrar como procedimentos de exclusão e sujeição afetam o sujeito e nunca o legitimam, já que estamos a falar de um discurso de política midiática que se assemelha ao discurso do ‘soberano’, de modo a submeter tais sujeitos e fazê-los surgirem num lugar de dominação e sujeição. O autor esboça ‘precauções’ para um caráter metodológico de seu pensamento. Não se trata de uma analítica de modelos que regulam e legitimam o poder num espaço cujo efeito do poder seria central e constante. Trata-se necessariamente de sintonizar-se com o poder, mas nas suas fronteiras últimas, nos espaços extremos, identificá-lo na sua forma ‘micro’ institucional ou numa marcação que entrecorta regulamentações, sistemas de leis que se organizam, se delimitam e se prolongam ao adentrar em espaços institucionais, constituindo um ‘corpo’ com técnicas e instrumentos de intervenção que fazem o poder se materializar em instituições locais. Não se deve analisar o poder a partir de uma dimensão interna, mas de investigá-lo onde o poder se investe em práticas que se relacionam com seu ‘objeto’, que é onde o poder se instala e afeta. Não se trata de perguntar os objetivos daqueles que buscam o poder ou o que pretendem com o mesmo, mas há de se perguntar como é que se constitui e se exerce o poder. Há de se pensar em termos de locais heterogêneos e periféricos que constituem sujeitos a partir das relações de forças.

Para Foucault (1979), o poder não deve ser considerado na sua dimensão homogênea de dominação porque não é algo que se possa compartilhar, mesmo com aqueles que o detém. Trata-se de analisar o poder numa espécie de encadeamento, na medida que o mesmo não é localizável, logo, deve ser analisado na sua forma funcional de seu exercício em rede, como se fosse uma clivagem que redistribui os sujeitos em situação de exercer poder e sofrer o impacto de seus efeitos. No entanto, os sujeitos são considerados como centros de transmissão em que os poderes os entrecortam, mas não se aplicam aos mesmos, ou seja, o poder atravessa o sujeito de tal modo, que o sujeito se torna um meio pelo qual o poder se articula e atinge outros lugares, pessoas. É sobre o que pode um corpo, um gesto, um discurso, um desejo, é sobre serem delimitados como constituições do sujeito: efeitos iniciais do poder, logo, o indivíduo como o primeiro efeito do poder é o que é identificado. Não se trata também, de analisar o poder através de uma dedutiva molecular, mas de uma análise ascendente a partir de mecanismos, técnicas e práticas históricas, analisando-os como os mesmos se afetam, utilizam, deslocam e transformam. Ou seja, parte-se de baixo para cima a análise pela qual os mecanismos puderam exercer controle. Acredita-se que os jogos de poder em instâncias maiores, foram acompanhados por tipos de ideologias que produziram alguma coisa em um

campo do saber, no entanto, não existem ideologias nas bases do poder, na medida em que o mesmo é obrigado a formalizar, organizar e circular tipos de aparelhos de saber que escapam processos ideológicos. Recapitulemos com Foucault, precauções metodológicas acerca de uma analítica do poder:

[...] em vez de orientar a pesquisa sobre o poder no sentido do edifício jurídico da soberania, dos aparelhos de Estado e das ideologias que o acompanham, deve-se orientá-la para a dominação, os operadores materiais, as formas de sujeição, os usos e as conexões da sujeição pelos sistemas locais e os dispositivos estratégicos. E preciso estudar o poder colocando-se fora do modelo do Leviatã, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição estatal. É preciso estudá-lo a partir das técnicas e táticas de dominação. Esta é, grosso modo, a linha metodológica a ser seguida e que procurei seguir nas várias pesquisas que fizemos nos últimos anos a propósito do poder psiquiátrico, da sexualidade infantil, dos sistemas políticos, etc. (FOUCAULT, 1979, p. 186)

Segundo Foucault (1979), o dispositivo enquanto uma analítica das instituições, pode ter uma rede de poder no molde piramidal, de modo que se encontra um ápice do poder, mas que tal ápice (a ponta da pirâmide) não é a fonte de onde provém o poder, mas que tanto o ápice quanto a base de poder estão em relações de reciprocidade que se sustentam. São estratégias criadas e organizadas em condições localizáveis para responder a certas urgências, elementos do próprio discurso. Por exemplo, na interface virtual do discurso político, o leitor virtual é aquele que faz funcionar o dispositivo midiático. Partindo da era tecnológica virtual, é necessário ter um aparelho para acessar a internet e o site G1. Essa atitude denota consumir computadores, notebooks, celulares, tablets etc. Ter conhecimento do G1 no domínio virtual é uma outra forma de estar inserido em um dispositivo. De um lado, um sujeito leitor que recebe o discurso suscitado pelo G1. Só que é um discurso que está assentado sobre várias tecnologias de poder que visam controlar o leitor de seu portal. Em termos de uma analítica, o dispositivo busca delimitar um conjunto heterogêneo que envolve:

[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244)

Há que se delimitarem as reações/relações que podem ou não existir entre esses conjuntos heterogêneos. De tal modo, o discurso pode surgir através de um programa institucional ou mascarar uma prática que continua silenciada. São discursividades que entram em jogo e mudam as posições e funções. O dispositivo serve para responder a uma

emergência suscitada num momento histórico da nossa sociedade, cujo objetivo estratégico é a dominação. O dispositivo é marcado por uma estrutura heterogênea e, ao mesmo tempo, por um princípio estratégico que supõe relações de forças, estando sempre marcado pelo poder, o que significa afirmar que o mesmo está intimamente relacionado com as “configurações do saber” que nascem do poder, mas que também o afetam, logo, o dispositivo se diferencia da episteme por ser discursivo e não discursivo, cujo campo de forças que o preenche é heterogêneo. No que concerne ao aspecto não discursivo, entende-se que a instituição é essa parte não discursiva, na medida em que se caracteriza por atitudes coercitivas, modeladoras do comportamento (FOUCAULT, 1979).

O G1 recebe notícias de todas as mídias pertencentes do grupo Globo. Por isso, acreditamos que o mesmo é chamado de “portal de notícias”, que aqui poderíamos delimitar como um “portal de saberes” que circulam a nível nacional, de modo a produzir verdades que afetam não somente a subjetividade, mas também toda uma prática no social que é moldada de acordo o discurso enunciado no site G1. Do jornal A Noite (1911) ao G1 (2018), muita coisa mudou. Ressaltamos o discurso da educação, da informação e do entretenimento como possibilidade de existência do site G1, ou melhor, como critérios que correspondem a uma legitimidade constituída a partir de tais discursos. Observamos que o site G1 é atravessado por discursos normativos que há décadas foram postos em circulação pelo grupo Globo.

Perguntamos qual seria o impacto de tais discursos no decorrer das gerações de nossa sociedade? Acreditamos também que se trata de um dispositivo de controle, por estar há tanto tempo operando na grande mídia. Nessa relação midiática, o leitor é atravessado por um discurso que circula como verdade, portanto, discurso inserido no campo da normatividade, ou seja, no campo da ordem do discurso. Daí que consideramos então, o discurso como parte do dispositivo que tem o papel de controlar o que será circulado como notícia dentro da grande mídia, e assim, produzir subjetividades. A questão da produção de subjetividades não é o que seria nosso foco, mas que também é um ponto a ser iluminado.

Ressaltamos aqui, os desdobramentos deste estudo nos mais diversos campos dos saberes, de modo a ter relevância para as pesquisas em Análise do Discurso (AD), acerca de mídia e de leitura. Compreendemos que é a partir de tais discursos enunciados no site G1, que podem gerar tipos de notícias específicas que circulam sobre leitura, evocando assim, uma noção hegemônica, visivelmente direcionada para práticas específicas.

2 O DISPOSITIVO

2.1 INVESTIGANDO O CONCEITO DE DISPOSITIVO

1969. Neste ano, Foucault lança o livro da sua arqueologia do saber, no qual aborda a questão da genealogia em apenas dois momentos. No primeiro momento, Foucault (2008) fala da genealogia nietzschiana e seu modo de operar através da descentralização, que de maneira resumida, se opõe encontrar um elemento original que delimitaria nosso modo de pensar como constituinte de uma parte última que faltava na humanidade, a exemplo de campos do saber como a etnologia, psicanálise e linguística que fizeram o mesmo movimento de descentralização do sujeito, deslocando a centralidade para outros domínios. Significa dizer que não se trata de repetições de um jogo de relações sistemáticas, modeladas e formais, mas que seria necessariamente a busca pela liberdade através de, segundo Foucault (2008, p. 15), um “esforço incessante de uma consciência em se recompor e em tentar readquirir o domínio de si própria, até as profundezas de suas condições” que, para o autor, é necessário questionar a própria descontinuidade dentro da análise histórica. Ao questionar a descontinuidade histórica, demonstra a preocupação do autor com o tipo de sujeito e discurso no que concerne a produzir análises arqueológicas.

Figura 9: barra de pesquisas do G1



Fonte: www.g1.com/leitura

Pensando nos aspectos arqueológicos, de não dar conta de toda visibilidade acerca do discurso enunciado sobre a leitura no site G1, é que trabalharemos com a cartografia, seguindo em direções cujo discurso nos leva. Apresentaremos agora o modo de pesquisa dentro do site, os resultados da busca “leitura” na ferramenta de pesquisa do G1, a fim de verificar um período de formação discursiva. Para tal atividade, digita-se a palavra “leitura” na ferramenta pesquisar do G1. Aparecerá uma série de resultados, discussões, temas, fotos, notícias, vídeos, blogs etc. que constituem o corpus da pesquisa. Abaixo, uma pequena amostragem dos resultados da busca.

O site G1, aqui considerado parte de um ‘dispositivo’ no qual recorta e seleciona o que (não) tem sido falado nos últimos anos sobre os acontecimentos do que seja leitura. É pensar quais discursos atravessam tais notícias a partir da noção foucaultiana de dispositivo. Para tanto, aparecem outros resultados, mas que vão se dispondo no final da página.

Figura 10: Notícias sobre leitura no G1



G1

Escola Municipal em Petrolina recebe projeto de arte, cultura e Incentivo à leitura
Oficina de mediação de *leitura*, projeto 'Ventos que transportam'. Divulgação Formação gratuita de arte, cultura e incentivo... — ... à *leitura* serão realizadas nesta segunda (27) e seguem até quinta-feira (30), em Petrolina, no Sertão de Pernambuco...
26/05/2019 03h00

MGTV 1ª EDIÇÃO - CENTRO-OESTE

Divinópolis tem lançamento de projeto de Incentivo à leitura
A abertura do evento foi na manhã deste sábado (25). A programação conta com teatro de obras literárias, apresentação de pais e alunos e mostra com materiais recicláveis.
25/05/2019 14h46

G1 AL

Escola em Maceló cria 'restaurante da leitura' para estimular leitura de alunos
Instituição de ensino fica no bairro da Ponta Verde.
18/05/2019 19h31

VEJA MAIS

Fonte: www.g1.com/leitura

Percebemos, no entanto, que o mecanismo de busca das notícias não obedece mais um sistema cronológico, mas que se atualiza por si só, ou seja, não temos como selecionar notícias de um período discursivo específico, no máximo que dá para fazer, é que ir voltando

notícia por notícia até chegar em alguma data específica, o que no caso da pesquisa, seria trabalhoso, uma vez que a ferramenta de buscas do site não permite selecionar longos períodos, de modo que sempre dá erro ou simplesmente a página atualiza sozinha e aí perdemos todo o fio condutor de investigações de tais notícias no portal G1. De modo prático, só se consegue estabelecer as notícias de até um ano atrás, e mesmo assim, os resultados são apresentados do mais recente para o mais antigo. No que concerne o período personalizado, simplesmente não funciona, sempre dá erro ou a página atualiza por si só e volta tudo para o começo. Este foi um dos problemas que precisamos corrigir na hora de investigar nosso objeto de pesquisa, tendo em vista que fica impossível selecionar as notícias de um período histórico específico, e aí, é que percebemos que não conseguimos dar visibilidade para todas as notícias que pensamos serem possíveis para inserir aqui na dissertação, por isso, optamos pela cartografia, porque nos permite e ir seguindo o objeto na medida em que o mesmo vai se apresentando, enunciando suas visibilidades, discursos, formas de se expressar perante as notícias.

Num segundo momento, quando Foucault (2008) traça uma questão sobre a noção do que as positivities não seriam uma simples duplicata, uma espécie de duplo ou de “termo equivalente” se assim for possível chamar, das disciplinas institucionalizadas em relação ao projeto, noção ou ideia do que poderia ser uma ciência da atualidade, da qual está em vias de acontecer, coincidir. No entanto, o autor segue problematizando se a tarefa da arqueologia não seria: “reagrupar, em uma prática discursiva independente, todos os elementos heterogêneos e dispersos cuja cumplicidade se revelará necessária para a instauração de uma ciência?” (FOUCAULT, 2008, p. 202). E a resposta ‘deve’ ser não, pois, a analítica feita no que chamam de “história natural”, não consegue dar conta de determinados acontecimentos numa representação que se valeria como única. É também por isso que tal figura não serve para dar conta de sua genealogia justamente porque nessa ótica, a positividade só consegue abranger, segundo Foucault (2008, p. 201), “enunciados referentes às semelhanças e às diferenças entre os seres, sua estrutura visível, seus caracteres específicos e genéricos, sua classificação possível, as discontinuidades que os separam e as transições que os unem.”, ou seja, deixa de fora análises que datam de um mesmo período histórico, não consegue dar conta de tudo que foi dito numa época. (FOUCAULT, 2008)

1970. Um ano depois da arqueologia, fala-se do Foucault genealogista, aquela fase (na verdade, dimensão) em que se cria uma imagética nova de sua pesquisa através do método genealógico, necessariamente confirmado em dezembro de 1970. O que mudou na sua

pesquisa? Todo um deslocamento teórico dos conceitos que apresentaremos a seguir. (FOUCAULT, 2013).

1974. Em seu processo operacional, o dispositivo consegue fazer a manutenção e a renovação de tipos de discursos que servem para controlar, e assim, expandir seu domínio de poder. No decorrer da dissertação, o leitor irá observar alguns enunciados que vão se repetindo como forma de controle. Para Foucault (2001), a confissão funciona como espécie de ritualística que tem por um dos objetivos, a interdição, na medida em que não se pode falar sobre algo que não seja no espaço autorizado pelo dispositivo. É daqui que perguntamos, de onde fala o discurso sobre leitura? É uma tecnologia que atravessa o indivíduo e o põe em funcionamento como engrenagem do poder. Há aí uma problemática sobre o funcionamento do dispositivo, como o mesmo poderia funcionar? Através de um jogo de saber-poder que são responsáveis pela criação ou apagamento de objetos do seu discurso (FOUCAULT, 2001).

Figura 11: Leitura e Teatro em Lar dos Vicentinos

Projeto leva leitura e teatro para o Lar dos Vicentinos, em Cruzeiro do Sul (AC)

Com apoio de estudantes e voluntários, um grupo contou histórias por meio da leitura de do teatro.

Por Mazinho Rogério, G1 AC — Rio Branco
21/06/2019 14h11 · Atualizado há 6 dias



Projeto leva leitura e teatro para o Lar dos Vicentinos em Cruzeiro do Sul — Foto: Mazinho Rogério/G1

Fonte: <https://g1.globo.com/ac/cruzeiro-do-sul-regiao/noticia/2019/06/21/projeto-leva-leitura-e-teatro-para-o-lar-dos-vicentinos-em-cruzeiro-do-sul-ac.ghtml>

2019, Acre. No enunciado em seguida, temos a notícia do projeto que leva a leitura para um outro espaço, ou seja, é um projeto de incentivo à leitura, mas por qual motivo há tantos projetos de incentivo à leitura e que são colocados como visíveis no portal de notícias? No texto da notícia, diz que os idosos têm a oportunidade de reviver momentos da infância, ao escutarem a leitura de histórias infantis. O que está sendo visível aqui como leitura? Observe que o discurso atrelado sobre a leitura é significado pela literatura. O que há de diferente aí é o deslocamento institucional, o espaço de uma biblioteca pública para um lar de idosos. Na imagem, podemos observar um grupo irreverente, na qual a leitora segura um exemplo do livro que conta a história do Curupira. Compreende-se que muitos idosos são analfabetos, como bem enunciado no texto da matéria e que alguns possuem a visão debilitada, mas quem ler, é sempre outra pessoa que não eles, e a leitura feita, tem por objetivo levar os idosos para o passado de criança, o que de forma não dita, significa recalcar o momento atual com o contar de histórias literárias.

1975. O objetivo de Vigiar e Punir, livro do qual há um deslocamento teórico para análise do poder, segundo Foucault (1987, p. 26), é manter “uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade.” Neste trecho, atentamos na palavra ‘apoia’, que empregamos como um campo de possibilidades para o poder sustentar-se, campo este que é mantido por relações de forças que encontram ‘apoio’ em regras específicas, leis instituídas etc. Foucault (1987, p. 32) prossegue: “A história dessa microfísica do poder punitivo seria então uma genealogia ou uma peça para uma genealogia da “alma” moderna.” Há aí algo de importante, a visibilidade de uma tecnologia operada pelo poder diretamente sobre o corpo. Enuncia que em uma instituição podem existir dispositivos, como se os mesmos fossem uma extensão de uma instituição que os engloba.

2017, Tocantins. Na sequência de nossa cartografia pelo site G1, pesquisamos sobre a leitura correlacionada ao sistema prisional. Felizmente, encontramos uma notícia um pouco mais antiga, de 2017, época que nos permite pensar um pouco mais a nossa atualidade na forma de como a mesma é concebida em termos discursivos. O enunciado da notícia é o que nos chamou atenção, quando fala que “presos poderão”, nos perguntamos agora, presos podem alguma coisa? Neste caso, a notícia apresenta a falsa ideia de que os presos podem se auto gerar a partir da leitura, de modo que a cada obra lida, reduziria a pena em até quatro dias. Quais são as linhas de força que aparecem? É o preso que ler por espontânea vontade, ou porque se ver obrigado a ler para ter a tão sonhada liberdade o quanto antes? Temos aí a

concepção jurídica da leitura enquanto um modo de ressocialização do preso e a tentativa de despertar o prazer pela leitura, tal qual é apresentada por eles, a leitura de obras literárias. Será que os presos não possuem suas próprias formas de leitura? Formas essas que escapam das delimitações jurídicas acerca da leitura, é claro.

Figura 12: Leitura em Cadeia

Presos poderão reduzir pena por meio de leitura em cadeia de Araguatins

Cada obra equivale a até quatro dias a menos na pena. Unidade também implantará, a partir da próxima semana, projeto para alfabetizar três presos que não sabem ler, nem escrever.

Por G1 Tocantins

09/07/2017 10h20 - Atualizado há um ano



Sem presos participam do projeto de leitura em cadeia de Araguatins — Foto: Divulgação/Tribunal de Justiça

Fonte: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/presos-poderao-reduzir-pena-por-meio-de-leitura-em-cadeia-de-araguatins.ghtml>

Os dispositivos servem necessariamente para ordenar, para fazer com que algo seja evitado. Logo, para Foucault (1987, p. 146): “São dispositivos voltados para o futuro, e organizados para bloquear a repetição do delito”. Desta citação, entendemos que os dispositivos servem para evitar que algo aconteça e assim controlar os corpos. Há, então, níveis distintos para os dispositivos. Entendemos que cada dispositivo atua num nível de pura diferença, abrangendo locais do qual o outro dispositivo não atinge. Trata-se da ideia de dispositivo como uma tecnologia estratégica do poder, no entanto, devemos ter o cuidado de evitar noções consideradas redutoras do dispositivo, uma vez que identificá-lo e associa-lo às instituições ou a derivá-lo de escolhas morais, significa reduzir os dispositivos, mesmo

quando se apoiam em tais noções. O dispositivo é aquilo que permite (não) dizer o que (não) pode ser feito, tem por função fixar lugares e estabelecer um crivo específico, um recorte. Serve para disciplinar, tornando os ‘dóceis’, os corpos. Trata-se necessariamente do direcionamento do olhar para aquilo que o poder quer que seja visto e assim ampliar os efeitos do poder através da disciplina, sendo um dos procedimentos do dispositivo, ser um sistema de controle, produtor de uma normatividade automatizada, totalmente funcional, tendo como objetivo, a utilização do poder, de modo a constituir, uma “sociedade disciplinar” meticulosamente organizada, serializada e controlada. Tais efeitos são provocados por forças que são submetidas pelo dispositivo, materialidades discursivas que se tornam elementos constituintes de uma estratégia de poder (FOUCAULT, 1987).

1975/1976. Há, neste período, outras noções acerca dos objetivos da genealogia foucaultiana, que trata necessariamente de um saber histórico constituído pela resistência, pelas lutas, pelas memórias de saberes locais. De tal perspectiva que pode delimitar a noção de sua pesquisa genealógica, a partir de uma multiplicidade, da escavação das batalhas e memórias, dos combates de tais saberes, que possuem como condição de existência a partir da dissolução de discursos tiranos, totalizantes, universalistas, etc. Segundo Foucault (2009), a genealogia é, então, a junção do conhecimento com o saber, de modo a constituir um saber histórico de lutas. Significa intervirmos com as descontinuidades, as não-linearidades, os saberes não legitimados contra um discurso unitário que tem por objetivo a hierarquização e ordenação a partir do conhecimento científico. Uma genealogia, então, serve para insurgir os saberes contra os efeitos de um poder dominante e centralizador de um discurso científico imbricando no interior da nossa sociedade. Essa posição de luta, é uma das operações da genealogia: libertar o sujeito da hierarquia que há no poder científico e torná-los capazes de lutar contra as forças coercitivas de tal discurso.

2019, Pará. Buscando por notícias no G1 que fossem correlacionadas com aspectos da leitura e sua memória local e formas de resistência, foi possível encontrar o seguinte enunciado, sobre um projeto itinerante que vai cartografando as ruas de Belém. Trata de um projeto organizado pela Universidade Federal do Pará em parceria com a Unama, chamado “Trilhas do Literário”, que tem por objetivo sair pelas ruas de Belém, de modo a ler textos de escritores locais que abordam a imagética da cidade em suas obras. É uma ação direta, que segue os domínios da rua, e totalmente aberta ao povo em seu domínio de memória local, de modo a ressignificar os afetos com a paisagem urbana através da literatura e poesia. Embora o discurso literário apareça para falar da leitura, dessa vez temos a questão poética como uma forma de resistência, ou seja, são escritores locais que falam por si mesmos, sobre a própria

cidade que vivenciam, de modo a realçar a própria cultura urbana e bucólica, uma vez que a Amazônia é um dos temas abordados por tais escritores.

Figura 13: Trilhas Literárias

Projeto realiza trilhas literárias pelas ruas de Belém

O trajeto sairá da Praça do Relógio, no Ver-o-Peso. A ação é aberta ao público.

Por G1 PA — Belém

20/06/2019 17h34 - Atualizada há 6 dias



Foto: Tarcis Serrão/O Liberal

Fonte: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/06/20/projeto-realiza-trilhas-literarias-pelas-ruas-de-belem.ghtml>

Há aí uma distinção entre a história das ciências que se prende ao eixo do conhecimento e da verdade, com a genealogia dos saberes que se encontram no eixo de prática discursiva, cujo enfrentamento é contra o poder dominante. Foucault então se pergunta: então o que seria o poder? E ainda prossegue, por que uma pergunta sobre o que é o poder? É uma questão teórica que teria por objetivo determinar os mecanismos e efeitos das relações de forças, a partir de diferentes dispositivos de poder que atuam em níveis distintos, de formas variadas, encontrando extensões outras de sua prática dentro do corpo social. Tais práticas de dominação devem ser analisadas em seus diferenciais, especificidades, na forma como se apoiam um nos outros e interagem entre si mesmas. O autor prossegue com a noção dos dispositivos de saber-poder, que enquanto táticos, totalmente móveis, em operações de puro deslocamento, os dispositivos são transferíveis e se configuram como a lei de uma formação de um outro saber. Ou seja, ao sair de um dispositivo, desaguamos em outro, mesmo que seja um dispositivo criado em seus processos de subjetivação perante os olhares

que o constitui. Compreendemos que as tecnologias de dominação operadas pelo poder não é algo particular de uma sociedade totalitária e fascista, pois as formas de dominação atingem também outras sociedades ditas ‘democráticas’ ou que usam de sistemas considerados democráticos (FOUCAULT, 2009).

1976. Há aí um traçado, uma genealogia das técnicas, leis, ordens, regulamentos, continuidades e rupturas, falando sobre o dispositivo da sexualidade no decorrer da história, evidenciando assim, seus efeitos a partir da operacionalização do poder sobre o dispositivo da sexualidade. Os interditos de um campo lexical, determinadas palavras, uso de expressões censuradas, podem ser considerados como a parte secundária de um dispositivo, e que aqui usamos para pensar as determinadas palavras que constroem uma noção de leitura em nosso campo de atualidade. O domínio do que pode ser dito sobre um tipo de saber pode ser estendido através de um discurso que se configura através de um dispositivo efetivo que não se resume apenas à lei do interdito. Trata-se de uma tecnologia feita para produzir tipos de discursos funcionais. O dispositivo está para além do discurso, do enunciado e consegue alcançar todo um conjunto físico, arquitetônico para promover a ordem, o regulamento e a disciplina no interior da instituição, tendo seu espaço interno distribuído estrategicamente para o controle. Trata-se de uma estratégia discursiva configurada por um dispositivo institucional que permite o que pode ser visto e dito num determinado espaço de uma época, ou seja, o dispositivo impõe condições específicas para as coisas que podem serem vistas e faladas. Assim, o dispositivo assume em sua estratégia de poder, a vigilância, aquilo que está visível. Embora o dispositivo seja articulado em pontos de interdição, o mesmo opera através de uma rede, aquilo que deve ser assegurado e direcionado, servindo para a produção de discursos sobre um determinado tipo de saber.

2019, Distrito Federal. Um outro enunciado se repete regularmente pelas notícias do G1 sobre o discurso sobre leitura. Embora a notícia traz mais do mesmo, selecionamos aqui duas imagens que estão inseridas na matéria e que são de grande valia para dialogar com a discussão teórica suscitada por Michel Foucault. A notícia enuncia a remição da pena por meio da leitura, um tipo de projeto que ocorre em diversos estados do país. Neste caso, refere-se a um projeto criado em 31 de julho de 2018, cujos participantes de tal projeto praticam a leitura a fim de viajar para além dos muros da penitenciária. A leitura é selecionada em 34 obras por professores do centro educacional de Brasília, tendo o aval da instância jurídica para validar tal projeto. Os temas, segundo a notícia, dizem respeito a situações vividas por alguns dos presidiários, de modo a correlacionar ficção com vida real. Existem algumas obras que são mais lidas entre os mesmos, e que configuram um *top list* específico. As obras mais lidas

são: [1] "As cores da escravidão" (2013) – Ieda de Oliveira; [2] "O cavaleiro preso na armadura" (2007) – Robert Fisher; [3] "De quanta terra precisa o homem?" (1886) – Liev Tolstói; [4] "A Revolução dos Bichos" (1945) – George Orwell; [5] "Capitães da Areia" (1937) – Jorge Amado; [6] "Crime e castigo" (1866) – Fiódor Dostoiévski; [7] "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1962) – Carolina Maria de Jesus; [8] "As horas nuas" (1989) – Lygia Fagundes Telles; [9] "Os espíões" (2009) – Luis Fernando Verissimo. Para além do mais, os presos só estão autorizados a lerem uma obra por mês, sendo o total de 12 obras por ano, reduzindo assim a pena em até 48 dias por ano.

Figura 14: As Cores da Escravidão

'As cores da escravidão' e 'Crime e castigo': veja livros que lideram preferência dos presos do DF

'Projeto da Remição de Pena pela Leitura' completa um ano neste mês. Iniciativa prevê redução de 4 dias de pena por obra lida.

Por Leticia Carvalho, G1 DF

24/06/2019 05h15 - Atualizado há 3 dias



Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/06/24/as-cores-da-escravidao-e-crime-e-castigo-veja-livros-que-lideram-preferencia-dos-presos-do-df.ghtml>

Segundo Foucault (1988, p. 70), “esses dispositivos de poder e de saber, de verdade e de prazeres, esses dispositivos tão diferentes da repressão, não são forçosamente secundários e derivados; e que a repressão não é sempre fundamental e vitoriosa.” Significa aí, ter um rigor conceitual na operação de tais dispositivos, de analisarmos os mecanismos do mesmo, que tem por objetivo a proliferação de discursos que geram e alimentam o poder. O dispositivo possui uma unidade, a exemplo do poder sobre os diferentes níveis de um saber, organização social ou modelos estruturais que constituem o sujeito num marcador

configurado pela forma generalizada de poder. O autor fala de quatro estratégias conjuntas que elaboram dispositivos específicos para o saber e o poder acerca de um tipo de conhecimento, são dispositivos que mostram a efetividade do poder e a produtividade do saber, de modo a descrevê-los em seus processos de autonomia. O dispositivo em seus desdobramentos, se estrutura a partir de uma sistematização que delimita o que é proibido e o que não é. Significa manter a ordem e a lei para continuar a manter as formas de controle, para isso, o dispositivo não reproduz, mas inventa e cria a fim de atravessar os corpos, de modo meticuloso para o controle social. Para tanto, há de compreendermos que o dispositivo opera de forma assimétrica, não possui os mesmos impactos, seus efeitos são distintos. O dispositivo, pode ter um foco de hegemonia, algo que se pretenderia como universal? Entende-se que a repressão e a interdição generalizada são o ponto de origem, de modo a ser justificado pelas suas linhas de coerção e autoridade para dominação das classes sociais, logo, o dispositivo é a grande estratégia política do poder, o mesmo deve ser pensado a partir de tecnologias contemporâneas que afeta diretamente o corpo. (FOUCAULT, 1988).

1978. No que concerne às distinções entre uma genealogia e uma historiografia explicativa, em um panorama, a genealogia se opõe à gênese de alguma coisa, e tem como objetivo, verificar, identificar as condições de existência de uma singularidade a partir de certo determinismos que são elementos essenciais para identificar tal singularidade como efeito e não necessariamente como produto destes determinismos, é a inteligibilidade da história. No que concerne ao dispositivo, segundo Foucault (2008), o mesmo funciona como um conjunto de regras, ordens, regimes de verdade que colaboram na constituição de um dispositivo de saber-poder para designar o que é verdade, e tem como impacto, um efeito corrosivo e puramente destrutivo na medida que a noção de verdade ‘libertadora’ é uma armadilha de captura, dominação e controle. (FOUCAULT, 2008).

2019, São Paulo. Buscando por uma notícia de leitura, não é fácil encontrar temas no qual uma verdade é mascarada dentro de determinados enunciados. Dessa vez, queremos ressaltar que, o texto da matéria foi produzido pelo anunciante do site G1, neste caso, o Colégio Uirapuru. O que significa uma escola particular falar sobre a contribuição da leitura para alfabetização infantil? A matéria enunciada é vendida para atrair alunos para a escola, isso é bem claro e notório, o que vamos abordar agora, é a questão enunciada, do tipo que o mundo digital e tecnológico não contribui tanto para a alfabetização infantil, obrigando a criança a ter contato direto com livros físicos de ordem literária. Há aí, a inserção de questões cognitivas, ou seja, a leitura enquanto aspecto de estimulação cognitiva, na medida em que contribui para o conhecimento de mundo, mas qual mundo? Hoje com tantos livros digitais, a

matéria renega esse aspecto de leitura por livros digitais e no lugar, aloca a leitura do livro físico como a única leitura essencial para a alfabetização de crianças. Ainda no texto, o colégio diz incentivar o hábito de leitura na infância através de um trabalho feito por uma consultora de bibliotecas e analista educacional de um jornal da região. Tal projeto de incentivo da leitura é para se ajustar as normas e diretrizes dos conteúdos exigidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No discurso, aparece a questão do letramento informal, de modo a fazer alusão ao espaço escolar e a biblioteca da mesma como um espaço de estímulo à imaginação. No entanto, o discurso remete apenas o espaço da biblioteca como espaço de decodificação das palavras. Uma das professoras de redação e práticas de leitura, afirma a importância da escola incentivar a leitura enquanto uma resistência as definições limitantes do sujeito, colocando a leitura como empoderamento e espaço mágico.

Figura 15: Leitura e Alfabetização

Leitura é um hábito que contribui diretamente na alfabetização infantil

Em um mundo cada dia mais digital e volátil, o desafio de inserir a leitura na vida das crianças se mostra cada vez maior.



Por Colégio Uirapuru

18/04/2019 16h23 - Atualizado há 2 semanas



Foto: Colégio Uirapuru/Divulgação

Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/19/como-cultivar-um-habito-de-leitura-diario.ghtml>

1979. O dispositivo enquanto uma analítica das instituições pode ter uma rede de poder no molde piramidal, de modo que se encontra um ápice do poder, mas que tão ápice (a ponta da pirâmide) não é a fonte de onde provém o poder, mas que tanto o ápice quanto a base de poder estão em relações de reciprocidade que se sustentam. Segundo Foucault (1979), são estratégias criadas e organizadas em condições localizáveis para responder certas urgências,

elementos do próprio discurso. Em termos de uma metodológica, o dispositivo busca delimitar conjuntos heterogêneos que envolvem:

[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 244)

Sobre a governamentalidade e suas dimensões, o autor fala sobre o conjunto constituído por instituições, estratégias, técnicas, procedimentos etc. que viabilizam o exercício de poder sobre a população. A população acaba que sendo regida por um modelo de governo constituído pelo poder soberano, e disciplinar. As técnicas utilizadas por esse modo de governo é uma questão política fundamental que permitiu o estado ser o que é hoje. O que compete hoje ao estado? O que ele pode controlar? (FOUCAULT, 1979).

Santos, 2019. Nessa cartografia, encontramos elementos que indicam aspectos de controle social do sujeito enunciados a através de uma prática de leitura. Livros que podem ‘ajudar’ o comportamento humano. Será que é necessário a leitura para melhorar o comportamento? O não dito aí é que, quem não lê, provavelmente não consegue melhorar o próprio comportamento. E melhorar em qual sentido? Dentro das normas sistematizadas.

Figura 16: Leitura e Comportamento

Veja dois lançamentos de livros que podem ajudar o comportamento humano

Elis Borsoi e Helena Fraga contam um pouco do que se trata a história dos livros que escreveram.

Por G1 Santos

15/06/2019 09h02 · Atualizado há uma semana



Veja dois lançamentos de livros que podem ajudar o comportamento humano

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/mais-saude/noticia/2019/06/15/veja-dois-lancamentos-de-livros-que-podem-ajudar-o-comportamento-humano.ghtml>

A reportagem fala de melhorar as emoções, a inteligência, compreensão da realidade e evolução do ser. Segundo a autora do livro, a leitura serve para ser extrovertida e poder falar em público, ou seja, uma leitura para melhoria no mundo corporativo. A autora acredita que a programação mental pode ser feita através de uma leitura neurolinguística. Uma espécie de *coach* da leitura para se tornar uma pessoa “mais leve”. O discurso aí é da autora que é coach e conhece a Programação Neuro Linguística (PNL) e pensa que pode melhorar o comportamento humano através do livro que ela escreveu.

Há que se delimitarem as reações que podem ou não existir entre esses conjuntos heterogêneos. De tal modo, o discurso pode surgir através de um programa institucional ou mascarar uma prática que continua silenciada. São discursividades que entram em jogo e mudam as posições e funções. O dispositivo serve para responder a uma emergência suscitada num momento histórico da nossa sociedade, cujo o objetivo estratégico é a dominação. É marcado por uma estrutura heterogênea e ao mesmo tempo por um princípio estratégico que supõe relações de forças, estando sempre marcado pelo poder, o que significa afirmar que o mesmo está intimamente relacionado com as “configurações do saber” que nascem do poder, mas que também o afetam, logo, o dispositivo se diferencia da episteme por ser discursivo e não discursivo, cujo o campo de forças que o preenche é heterogêneo. No que concerne ao aspecto não discursivo, aspecto que se situa para além dos enunciados, entende-se que a instituição é essa parte não discursiva, na medida em que a instituição se caracteriza por atitudes coercitivas, modeladoras do comportamento. (FOUCAULT, 1979).

1981/1982. Temos agora, a questão de uma constituição do sujeito como finalidade última para seu próprio existir. Para tanto, traça perspectivas que atravessam o sujeito e as noções de verdade, pois é pelo exercício da verdade que o sujeito constituiria a si. Seria aqui, a introdução de um dispositivo da subjetividade constituído do saber sobre si a partir do “exercício da verdade” na forma do pensamento grego? Há, então, um dispositivo da verdade que permite lutar contra os possíveis infortúnios. Temos dois esquemas, o primeiro a partir do platonismo, como modo de lançar um olhar sobre si e que evocaria um reconhecimento na forma da memória. O segundo, a partir do estoicismo, cujo olhar sobre si deve ser constituinte do sujeito a partir da reflexão. De modo que os sujeitos que estão dentro de um dispositivo que não abrange tais práticas da constituição de si, são incapazes do pensamento e reflexão ou exercício da verdade sobre si. Então, esboça a necessidade de constituir um dispositivo cujos discursos sejam verdadeiros para a própria conduta. Há nessa operação uma mudança no quadro metodológico foucaultiano, pois não se trata, para Foucault (2006, p. 615), mas de uma “leitura política em termos de dispositivos de poder, mas uma leitura ética em termos de

práticas de si. Não se trata mais de uma genealogia dos sistemas, mas de uma problematização do sujeito.” O que Foucault queria, era organizar a história do sujeito como um produto objetivado das tecnologias de saber e poder, na qual dentro de um sistema, o indivíduo perderia sua singularidade e teria uma identidade imposta por tais relações de saber-poder.

2013, Alagoas. A notícia enuncia uma festa literária de Marechal Deodoro (FLIMAR), que reservou um espaço considerado especial para as crianças, direcionando as mesmas para uma programação exclusiva para as mesmas, tendo práticas do tipo: contação de histórias, teatro de fantoches e brincadeiras diversas. Criaram então, o tal “cantinho da leitura” para que as crianças pudessem despertar a consciência para o mundo literato. Na imagem, temos o discurso enunciado com crianças dispostas de forma organizada, camisetas brancas com a bandeira do Brasil como símbolo de patriotismo. A matéria fala do escritor Ricardo Ramos Filho, ninguém menos do que o neto de Graciliano Ramos. A matéria, em termos de captura, busca falar da obra escrita pelo autor, de modo a evidenciar a literatura infanto juvenil para acordarmos a nossa criança interior.

Figura 17: Espaço de Leitura Infantil



Fonte: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/09/flimar-2013-dedica-espaco-de-leitura-e-diversao-para-publico-infantil.html>

É neste momento que se percebe que essa teoria do sujeito constituinte a partir do olhar sobre si não é uma “novidade conceitual”, mas a ponte de conexão com seus primeiros trabalhos, que ocorrem não por justaposição, mas por uma “espiral hermenêutica”, pois aquilo que emerge como novidade em seus trabalhos seria aquilo que não foi dito, ou melhor, aquilo que não foi pensado em sua obra anterior. (FOUCAULT, 2006)

1982/1983. Neste período, há necessariamente o desenvolvimento de um projeto bem específico para a genealogia das relações de forças a partir do saber e poder. Segundo Foucault (2006), esse programa genealógico tem como objetivo dar conta daquilo que a arqueologia do saber não conseguiu fazer. É algo muito organizado e esquematizado, que tem por função investigar de forma mais profunda, os detalhes de sua pesquisa, de forma que seja necessário fazer a genealogia da noção da “modernidade como questão” e não dá modernidade em si, além do mais, tem-se em vista, que o ponto emergencial de uma questão do tipo é ligada à uma historicidade, de maneira a identificar aquilo que poderia ser chamado de discurso político, de maneira a identificar suas (des)continuidades históricas, pertencimento geográfico etc. Neste momento, o autor busca uma genealogia do dizer a verdade num campo político, de modo a confrontar a realidade que o atravessa. De tal modo que a modernidade, assim especificada e determinada, é uma época considerada privilegiada para identificar e estudar os dispositivos atravessados pelas tecnologias de saber-poder (FOUCAULT, 2006).

Figura 18: Influência do Hábito de Leitura

30/07/2012 10h54 - Atualizado em 30/07/2012 10h54

ESTADÃO conteúdo

Professor influencia hábito de leitura, diz pesquisa

Agencia Estado



Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/07/professor-influencia-habito-de-leitura-diz-pesquisa.html>

2012. Conseguimos mapear uma notícia que faz muito diálogo com a teoria aqui proposta e que evidencia uma série de mecanismos de controle e poder. Sabemos é claro, que o professor é um elemento do qual colabora com o incentivo à leitura. Escolhemos essa notícia, para tornar visível o que circulava em 2012 acerca da leitura no Brasil. No entanto, a matéria direciona o professor para aquele que ensina na instituição escolar. A matéria informa que o estímulo da leitura na biblioteca é fundamental para formar leitores, de modo a pensar em criar estratégias específicas de capturas do sujeito para transforma-los em leitores. O discurso solda a leitura mais uma vez para dentro do espaço fechado da escola, que possuem em seu interior um outro espaço, que é a biblioteca, direcionando assim, as práticas de leitura para dentro de um sistema normativo e institucional.

2.2 DISPOSITIVO COMO UM CONJUNTO MULTILINEAR...

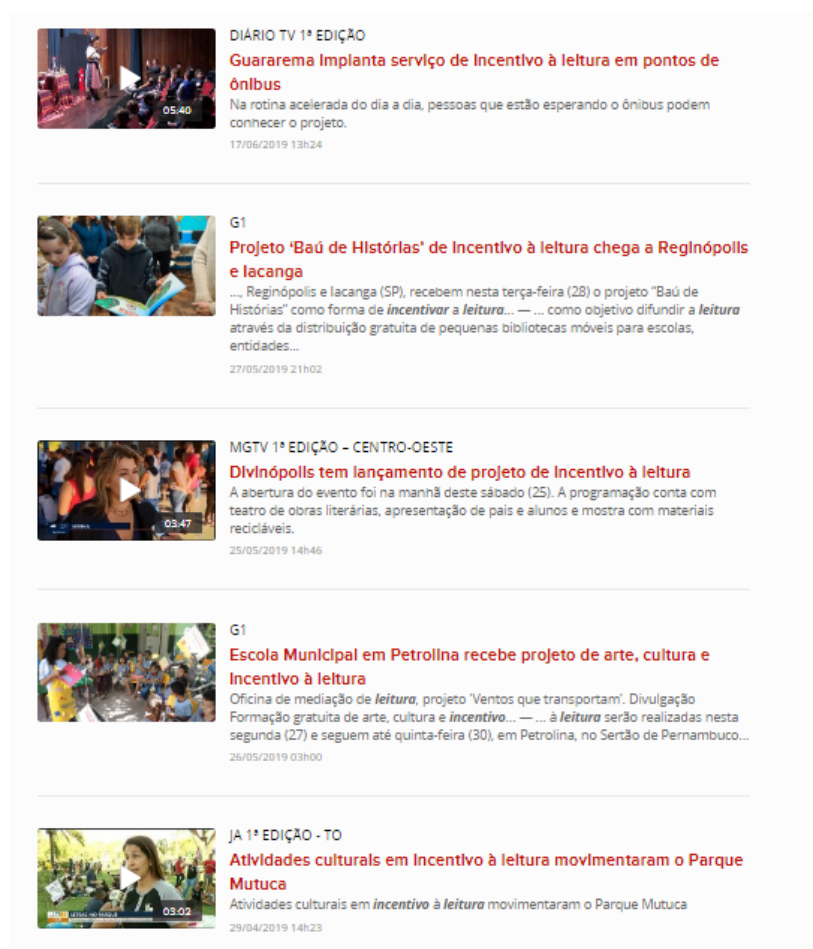
Para Deleuze (2016), a filosofia de Michel Foucault é apresentada regularmente como uma microanálise dos “dispositivos” e que são ou podem ser revelados a partir daquilo que se pode ver a partir do próprio olhar, daquilo que está manifestado, em condições monumentais, a exemplo das instituições que se configuram como modelos universais de toda cultura e que exercem consequências sociais, a exemplo dos manicômios, prisões, etc. Um dispositivo, em tal olhar, é considerado como um “conjunto multilinear”, um conjunto formado por diversas linhas que se entrecortam em relações de saberes, poderes, subjetividades e éticas-estéticas, como modo de existência do sujeito. As linhas que compõem e atravessam o dispositivo de todos os lados, de fora a fora, numa enorme rede de associações discursivas, conjuntos de práticas que se formam na junção do ver e do falar, ou seja, do saber, são linhas que possuem diferenças entre elas mesmas, possuindo naturezas distintas, que afetam o dispositivo das mais diversas maneiras, necessariamente, em pontos singulares dos dispositivos. Tais linhas enquanto componentes de um dispositivo, são linhas que estão em processos abertos, sempre em mudanças constantes, são linhas que escapam dos padrões, modelos, estruturas, ou qualquer sistema que se queira validar como totalizante e universal de toda cultura, em todas as épocas. Por exemplo, discursos que se fundamentam em bifurcações, representações binárias. Qualquer sistema considerado como representativo e homogêneo, segundo Deleuze (2016), se torna sistema fechado, a exemplo do objeto, sujeito, linguagem etc. Um dispositivo, assume assim, diversas linhas como constituintes do próprio modo de se exercer,

de se constituir, nas formas de afetar e ser afetado, ora em formas sutis e invisíveis, ora em formas grotescas e bestiais, ora em relações de forças, assumindo diversas formas, e muitas destas formas são modelos criados para disciplinar, controlar e recortar a individualidade do sujeito. Em tal olhar, seria necessário pensar no sentido de linhas movediças, linhas que se movem em variadas direções. Há diversas linhas, algumas em constante processo de movimento e abertura para as relações pluralistas e singulares, mas há também linhas “sedimentadas”, linhas que sofreram uma espécie de cristalização, petrificação, solidificação, como a massa de um concreto, sólida e estratificada em um ponto. Segue, então, algumas palavras-chave, que são pertinentes para ajudar na forma de compreender o conceito de dispositivo de forma clara e concisa, através de uma leitura, que tem como fio condutor, uma perspectiva *deleuzeana* acerca do conceito de dispositivo presente na obra de Michel Foucault. O dispositivo configura-se, então, da seguinte maneira:

Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos em posição são como vetores ou tensores. Assim, as três grandes instâncias que Foucault distinguirá sucessivamente, Saber, Poder e Subjetividade, de modo algum têm elas contornos definidos de uma vez por todas, mas são cadeias de variáveis que se disputam entre si. (DELEUZE, 2016, p. 359).

Sobre aquilo que se vê, os objetos, sobre aquilo que se fala, os enunciados, para além do poder, a subjetivação do sujeito. Como ultrapassar as barreiras, as sedimentações, os fascismos que existem nos discursos e dispositivos tomados pela força e poder? Para Deleuze (2016), faz-se necessário ‘desembaraçar’ as linhas, desemaranhá-las, remover os pontos travados, nós cegos, e aí construir um mapa que escape dos saberes e poderes constituídos, instalar-se em tais linhas, partir para a experimentação de um “trabalho de campo”, fluxo de linhas que entrecortam o dispositivo a partir de diversas direções, passando por outras linhas, em todos pontos cardeais de um dispositivo, que o caracteriza assim, como um conjunto multilinear, conjunto de linhas com aplicações e efeitos distintos (DELEUZE, 2016).

Figura 19: Notícias Sobre Leituras



Fonte: www.g1.com/leitura

Pesquisando notícias com o título enunciando a palavra ‘incentivo’, podemos perceber inúmeras notícias contabilizadas com tais enunciados. Observamos aí uma linha sedimentada, cristalizada, produzida como um dado alarmante. Quando se cria projetos de incentivo à leitura enuncia que não lemos em termos literários, mas o que estamos objetivando a demonstrar é justamente que um olhar outro para a noção de leitura, que deve escapar dos modelos literários como únicos elementos da prática de leitura. Aqui, consideramos a leitura como algo muito mais além de abrir um livro de histórias. Então repetimos uma questão suscitada pela teoria foucaultiana: por que tais enunciados e não outros? Direcionar o olhar do brasileiro para um estado representacional configurado por um molde totalmente literário é um erro grotesco, na medida em que a leitura se produz em todo encontro, a todo instante.

Para Deleuze (2016), existem diversas dimensões do dispositivo, e cada dimensão possui polos que, em relações, constituem tais dimensões, formadas por linhas que fazem aparecer o que é visível e o que é enunciado em determinada época. De tal olhar, os dispositivos assumem a característica de máquinas que são feitas para fazer ver (substância) e

falar (formas de expressão). Aquilo que pode ser visto, não é algo geral, como um regime de luz, que faz revelar uma série de objetos, já que para Deleuze (2016, p. 30): “Cada dispositivo tem seu regime de luz, a maneira pela qual incide, se esfuma e se espalha, distribuindo o visível e o invisível, fazendo nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela. ”, a exemplo do ‘dispositivo-prisão’ enquanto máquina panóptica, feita para vigiar, e não ser vista. Se existe uma história dos dispositivos, segundo Deleuze, tal história é formada pelas coisas que se veem e se falam, pelas coisas que são discursos e práticas constantes e regulares, tendo em vista que os enunciados, estão sempre a remeter a outras linhas enunciativas, já que se as próprias curvas são linhas de enunciados, as enunciações distribuem afluentes, uma vez que tanto a ciência, tanto os movimentos sociais, os grupos, os gêneros literários, musicais, são delimitados necessariamente pelas cadeias enunciativas, conjuntos de enunciados que permitem que tais objetos possam ser gerados. A exemplo da gramática, enquanto objeto de uma prática linguística, a loucura enquanto objeto de uma prática psiquiátrica, o delinquente enquanto objeto do direito penal, etc. Trata-se de saberes constituídos, mediante a criação de um objeto. A existência destes saberes, ou seja, destas formas de expressão, só é possível, mediante a existência de um objeto criado pelo próprio saber (DELEUZE, 2016).

Figura 20: Hábito de Leitura na Infância

Especialista incentiva que hábito da leitura tenha início ainda na infância

Estudo mostrou que o número de brasileiros que leem aumentou em 6% de 2011 a 2016.

Por Leandro Melo e Carolina Paes, Diário TV

12/07/2018 19h34 · Atualizado há 11 meses



Fonte: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/especialista-alerta-que-leitura-deve-comecar-ainda-na-infancia-para-se-tornar-habito.ghtml>

Segundo Deleuze (2016), para além da dimensão do saber, constituída pelas relações dos regimes de visibilidade e dos regimes de enunciação, existe também, a dimensão do poder, dimensão formada por linhas de força, que entrecortam os pontos singulares nas linhas anteriores ao poder, de forma que a linha de força, serve como uma camada para alinhar e retificar as curvas anteriores, de tal forma, que age como uma força que arrasta consigo os tipos de coisas, os tipos de palavras, os tipos de acontecimentos, os tipos eventos, os tipos de

individações, tal qual um rio em puro fluxo, no qual a correnteza arrasta troncos, galhos, animais, pessoas etc. O poder, em tal ótica, é essa instância, que reafirma suas linhas precedentes, sendo uma camada de força:

A linha de força se produz “em toda a relação de um ponto a outro” e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, está estreitamente emaranhada aos outros, sendo, portando, desemaranhável. É ela que Foucault tira, e cuja trajetória ele encontra igualmente em Roussel, em Brisset, nos pintores Magritte ou Rebeyrolle. É a “dimensão do poder”, e o poder é a terceira dimensão do espaço, dimensão interior ao dispositivo variável com os dispositivos. Ela se compõe, assim como o poder, com o saber. (DELEUZE, 2016, p. 361).

Para Deleuze (2016), é partir da linha de força, numa forma de superá-la, que Foucault encontra uma quarta linha, uma outra dimensão no dispositivo, da qual o sujeito encontra novas formas de possibilidade. Trata-se das linhas de subjetivação. Tais linhas surgem, enquanto condição de possibilidade, segundo Deleuze, a partir de uma ‘crise’ no pensamento de Foucault, que não pretendia se fechar em relações de forças, delimitadas por uma forma específica. De tal olhar, é necessário transpor a linha de força, mas como fazer isso? É justamente o ato de transpor a linha de força, fazer o poder ser afetado por si mesmo, usar a força sobre si mesma, abate-la, torna-la movente, suscetível a variações não determinantes. É a partir do ato de abater a força em si mesma, volta-la para dentro de si mesma, que surge a dimensão do Si, a dimensão da subjetividade, uma linha que funciona como processos que produzem subjetividades, caso o dispositivo permita tal prática, ou seja, caso o dispositivo torne possível a criação desta dimensão do si, de maneira que a dimensão do Si é necessariamente uma linha de fuga, uma linha que escapa das linhas de saber e poder, que segundo Deleuze (2016, p. 362): “O Si não é nem um saber nem um poder. É um processo de individuação que incide sobre grupos ou pessoas e que se subtrai dos entrelaços de forças, entrelaços estabelecidos como saberes constituídos: um tipo de mais-valia.”

Segundo Deleuze (2016), o dispositivo que Foucault resgata dos gregos surge do modelo ateniense como primeira forma de subjetivação. Refere-se ao modo e estilo de vida do grego antigo, que sobre a linha de força, o sujeito deve governar a si mesmo. Um homem livre só pode governar outros homens se ele for mestre de si. É um conjunto de regras facultativas, que forma uma ética, uma subjetividade produzida por si, livre, onde o sujeito possui autonomia, tornando-se indivíduo, mesmo que outras forças e poderes venham capturar posteriormente tal subjetividade para produzir novos saberes, novos poderes e novas formas de subjetividade. Deve-se ressaltar, que não existe uma forma geral, um método específico, do qual o sujeito usaria como um crivo único para tal finalidade de emancipar-se das linhas

precedentes do poder. Em tal perspectiva, Foucault não sabe como o sujeito rompe a linha de força, mas sabe que para subjetivar-se, é necessário escapar dos poderes instituídos e saberes constituídos, a subjetividade é movente, de acordo as condições que permitem escapar, ruir, curto-circuitar, e produzir novas rupturas que escapam as linhas sedimentadas:

Os dispositivos, pois, têm por componentes linhas de visibilidade, de enunciação, linhas de forças, linhas de subjetivação, linhas de rachadura, de fissura, de fratura, todas as quais se entrecruzam e se emaranham, umas que dão mais uma vez noutras, ou que suscitam outras, através de variações ou mesmo das mutações de agenciamento (DELEUZE, 2016, p. 363).

Segundo Deleuze (2016), existem duas consequências advindas das linhas que constituem um dispositivo. A primeira consequência é o ato de renegar os universais, seja como for que estes se apresentem, já que em tal olhar, o universal nada explica, pois é ele mesmo que deve ser explicado, uma vez que as linhas dos dispositivos são linhas que possuem coordenadas moventes, nômades, submetidas a variações. As coordenadas universais, aqui só existem como processos singulares. Ou seja, os dispositivos possuem, em si mesmos, diversas linhas de pura multiplicidade, pluralismo e singularidades, que fazem funcionar, juntas, processos em devir, processos que estão por vias de se tornar. É aí que, segundo Deleuze, a filosofia foucaultiana é uma pragmática. A crítica é justamente o fato de existir uma bifurcação no pensamento, em como as coisas, as palavras são divididas em relações dualistas, relações binárias, que sucedem por dicotomias, sempre formatadas pelos moldes do sistema. Não se trata de invocar coordenados transcendentais ao dispositivo, mas de mensurar o valor do mesmo sem o crivo de um ponto transcendente, sendo necessário, uma ética estética imanente, que está em um campo de possibilidades de pura criação e liberdade, nas formas de enxergar o mundo e sentir a vida. Então, seria a estética da existência como última instância dos dispositivos? É essa a pergunta que Deleuze invoca, tendo em vista que seria o modo de vida com regras facultativas criadas pelo sujeito para furta-se das garras do saber e das malhas do poder. A segunda consequência, é essa fuga, que vai do eterno para o novo, e aqui, o novo é considerado como algo que não deve ser a moda, mas ser necessariamente o ato criativo. Foucault assinala que não precisa ser reconhecido por uma teoria da enunciação, uma vez que o mesmo leva em consideração somente os conjuntos enunciativos, os novos regimes de enunciados a partir de uma constância, permanência, regularidade, que entrecorta as singularidades dos enunciados. Os paradoxos de um enunciado, de forma alguma, servem para delimitar as distinções entre um regime enunciativo e outro, pois o que deve ser levado em consideração, é a novidade do próprio regime

enunciativo, como se fosse um bloco novo perante os discursos já constituídos e que juntos formam um arquivo:

Todo dispositivo se define, assim, por seu teor de novidade e criatividade, que ao mesmo tempo marca sua capacidade de transformar-se, ou de fissurar-se já em proveito de um dispositivo do porvir; a menos que, pelo contrário, haja um abatimento de forças sobre suas linhas mais duras, as mais rígidas ou sólidas. (DELEUZE, 2016, p. 365).

Tais linhas de subjetivação surgem a partir das rupturas feitas nas linhas de saber e poder, e são criativas enquanto permanecem não capturáveis, traçam coordenadas, caminhos de pura novidade criativa até o momento em que pode se desprender do antigo dispositivo e lançar-se sobre outro (DELEUZE, 2016).

Para Deleuze (2016), os dispositivos são inerentes ao sujeito, pois vivemos neles e agimos sob seus efeitos. O que Deleuze caracteriza como o “novo” ou “atual”, a nossa atualidade, é justamente o que existe de novo em relação aos dispositivos anteriores:

O atual não é o que somos, mas antes o que devimos, o que estamos em vias de devir, ou seja, o Outro, nosso devir-outro. Em todo dispositivo, é preciso distinguir o que somos (o que já nem somos mais) e o que estamos em via de devir: a parte da história e a parte do atual. A história é o arquivo, o desenho do que somos e deixamos de ser, ao passo que o atual é o esboço do que devimos. (DELEUZE, 2016, p. 366).

Segundo Deleuze (2016), o que nos separa da nossa história é o arquivo, ou seja, os conjuntos de discursos, enunciados e práticas que se formaram em uma camada petrificada e solidificada. O arquivo é aquilo que fomos, que aos poucos, deixamos de ser, práticas discursivas que sutilmente se dissolvem em novos enunciados que estão sempre a se atualizar e que estamos sempre por vias de nos tornar, é um atual que simplesmente se bifurca em relação ao arquivo, necessariamente porque vamos sendo moldados de acordo com as malhas do poder, do saber, das forças que sutilmente controlam os corpos, tornando-os dóceis, condicionados aos efeitos dos discursos. Existe aí uma transição da disciplina para o controle dos sujeitos, e o que se deve fazer contra essa dominação, é justamente resistir, conjurar produções de subjetividades e processos criadores dos quais possam escapar aos mecanismos de controle exercidos nos dispositivos de poder e aí gerar novas luzes, formas de ver, novas enunciações, formas de falar, novas potências, contra os poderes totalizantes, novos processos de subjetivação. É o que, segundo Deleuze (2016, p. 366), existe: “Em todo dispositivo, devemos desemaranhar as linhas do passado recente e as do futuro próximo: a parte do

arquivo e a parte do atual, a parte da história e a do devir, a parte da analítica e a parte do diagnóstico.”

Segundo Deleuze (2016), existem dois grupos nos quais as linhas se inscrevem em um dispositivo. Por um lado, temos as linhas estratificadas, sedimentadas, cristalizadas, petrificadas. Por outro lado, temos as linhas que servem de atualização para a criação, abrindo espaço ao novo, a exemplo desta perspectiva: toda a obra foucaultiana. E é uma problemática muito pertinente que surge sob os efeitos dessa prática criativa com o novo, o atual, que é identificar quais são os processos de subjetivação, modos de existência, que podemos ver na contemporaneidade? Quais são os discursos que o legitimam? (DELEUZE, 2016).

Estamos vivendo em velocidades, estamos sempre traçando novas linhas, novos olhares, novas falas, novas forças, novas maneiras de viver. A quais poderes você serve? Quais são as linhas que constituem o seu corpo? Algo se passou, algo se passa agora, de um estrato ao atual, estamos em via de nos tornar. Quem é você?

2.3 NÓS HOJE. É POSSÍVEL CONSTITUIR DISCURSOS ESTÉTICOS?

Segundo Deleuze (1992), o dispositivo, enquanto conjunto, é o que impulsiona, sugere e ordena forçosamente a adentrar em novos territórios existenciais, níveis outros de forças, em dimensões outras. Significa também, pensar os grupos como dispositivos, na medida em que os mesmos são atravessados por forças que os movimentam, os obrigam a movimentar para diversos lados, a fim de fazê-los encontrar uma subjetividade nova, estilos de vida, que vão se constituindo no decorrer do tempo, tal qual os discursos que nos atravessam diariamente, e assim, produz em nós, tipos de saberes, forças em ação, em constante movimento pela superfície dos corpos, considerado “lugar” de inscrição dos discursos, a própria pele, apropriada pelos saberes e poderes: capturas de pura força. O fato de Michel Foucault ter descoberto o Saber-Poder, foi o que o levou a encontrar possibilidades outras de subjetivação, longe das forças aprisionantes. Significa que as formas pelas quais a subjetivação ocorre, é sempre para se furtar do saber e poder. Quando Deleuze afirma que existe diferença no seu método em relação ao de Foucault, ele se refere também aos objetivos dos quais podem ser distintos, mas que em um plano sutil, possuem um certo diálogo, um ponto em comum, no qual ambos possuem a mesma causa como ponto de intersecção dos diálogos que são possíveis entre eles, que para Deleuze eram os “agenciamentos”, e que para Foucault era os “dispositivos”, que são como uma analítica das linhas distintas que constituem o sujeito, uma vez que, em tal perspectiva, para Deleuze (1992, p. 113): “Era preciso, não remontar os

pontos, mas seguir adiante e desemaranhar as linhas: uma cartografia, que implica numa microanálise (o que Foucault chamou de microfísica do poder e Guattari, micropolítica do desejo)”, uma vez que é nos dispositivos que existem relações de força.

Deleuze (1992) considera o agenciamento das linhas como um agenciamento que tem, por objetivo, unificar, totalizar, avaliar o todo, em processos que se refazem a todo momento, descobrindo novas formas existenciais, tal qual as flores que nascem nas fissuras de um asfalto, parede, concreto. É sobre se espreitar pelas fendas, rachaduras, produzir, ruir, curto-circuitar e aí, beber toda vida possível. O novo é emergente e o emergente é o atual, aquilo que está em processo de devir e que pede passagem. É como se fosse o enunciado, nem visível nem invisível, por isso é necessário escava-lo mais e cada vez mais, a fim de encontrar novos regimes enunciativos. Escavar as coisas, as palavras, produzir rupturas, descontinuidades, é uma das tarefas da arqueologia, que por sua vez, é o que possibilita criar uma superfície enquanto espaço de inscrição, e que este espaço nada tem a ver em se levantar contra o que considerado profundo, mas necessariamente, se opõe aos processos reducionistas da interpretação. Marcado por este olhar, se faz necessário abrir-se às experimentações, a fim de conhecer o que existe em tais superfícies, espaços territoriais das quais, muitas vezes, a pele é o local de encenação teatral dos outros. O teatro enquanto representação, na qual todos falam em nome do sujeito, menos ele mesmo. No sentido inverso, o intuito seria ouvir o sujeito, em nome dele, próprio, naquilo que o mesmo pode falar e entender de si, longe dos saberes e poderes institucionalizantes, instalados em linhas de forças, que bloqueiam o sujeito de falar, de ter uma vida mais aberta, de acordo o próprio querer e livre pensar. Dito isso, segundo Deleuze, a noção de transversalidade funciona também como um contraponto das relações de forças, com base em domínios verticalizados em uma hierarquia, que intentam se firmar como a verdade do sujeito: pensar que a linguagem e a subjetividade possuem formas outras de adentrar em diálogos com espaços exteriores, pois, como Foucault concebeu o enunciado, implicaria necessariamente em práticas que são capazes de “renovar” (reinventar?) a linguística (DELEUZE, 1992).

Segundo Deleuze (1992), é a partir desses olhares, que se pode considerar o poder como relações de forças que se constituem em/com outras forças, de modo, que abre margens para uma série de questões pertinentes acerca da constituição do poder com a vida ou com a morte, afinal, a quais possibilidades de diálogos o sujeito se permite? Quais forças servem a essas subjetivações? Constituem-se de quais formas? Há de se pensar em tais relações, como forças que dobram e se desdobram em si mesmas e em outras forças, traçando novas coordenadas, novos trajetos que implicam o limite do que seja o pensamento. Deleuze (1992,

p.119) explica que: “Quando Foucault chega ao tema final da “subjetivação”, esta consiste essencialmente na invenção de novas possibilidades de vida, como diz Nietzsche, na constituição de verdadeiros estilos de vida: dessa vez, um vitalismo sobre fundo estético”, ou seja, é a partir da noção de “diagrama”, na forma que o mesmo é concebido em *Vigiar e Punir*, que não se trata mais do conjunto da história, o arquivo, mas dos trajetos, as linhas, as experimentações que constituem os mapas das relações de forças, efeitos do poder centralizante, e é justamente no formato deste olhar, que podemos compreender o pensamento foucaultiano como um pensamento feito por dimensões que vão sendo exploradas instantaneamente, incessantemente, de forma contínua e sucessiva. Uma dimensão está sempre contida na outra, por exemplo, o poder é uma dimensão que não se reduz à dimensão do saber, uma vez que o saber é a primeira dimensão, e o poder está numa segunda instância, mesmo que tais dimensões possam entrar em relações, imbricadas, uma vez que juntas, formam polos mistos, indivisíveis. Essa é uma concepção singular, uma vez que só é possível encontrar o poder enquanto outra dimensão, a partir de uma noção original do que seja o saber, como ponto de partida e fio condutor para as dimensões pretendentes. (DELEUZE, 1992). Segundo Deleuze (1992), os processos de subjetivação, ou seja, as rachaduras, rupturas com a força, se configuram através de processos das relações de forças na dimensão do Si, a força em relação consigo mesma, quebrada e dobrada em si mesma, tal qual um ferreiro martela o aço e o dobra, forjando novas relações com a vida. Significa criar tipos de vida, modos de viver, na qual a existência seja formada por um conjunto de regras que são facultativas ao sujeito, nas quais conseguem resistir ao saber e ao poder, mesmo que tais forças o procurem depois para compor com novas relações, é o se recriar, em cada linha de força voltada contra si mesma, e esse ato, de romper com a linha, de se furtar dos saberes e poderes, significa se tornar artista, na medida em que a vida, enquanto estética da existência, só ocorre assim, quando nosso “querer-artista” consegue se tornar nômade aos sistemas totalizantes que o tenta capturar, ou seja, o ato de romper com o poder, é um processo de subjetivação ética, logo estética, logo política, nada de universalidade, nada do um, apenas linhas de intensidade operando como linhas de fuga, linhas individuais, que escapam as identidades, representações pessoais. Tais são essas as condições do dispositivo: saber, poder, subjetivação e maneiras de viver ética e esteticamente (DELEUZE, 1992).

Segundo Deleuze (1992), a história para Foucault é aquilo que está a nos rodear, cercar, delimitar. É a história que nos limita, em um espaço já dado como pronto e único para o sujeito. Ou seja, impõe barreiras e códigos que restringem quem somos, embora não tenha como dizer quem somos nós hoje, mas diz necessariamente aquilo que estamos por nos tornar,

em vias de acontecer, de maneira que a história não consegue dizer qual é a identidade do sujeito, de forma a dispersar, dissipar, do “outro” que somos, ou seja, a história nos aparta de quem somos. Então, como transpor a história para pensarmos quem somos? Para Deleuze (1992, p.123): “é a atualidade que interessa a Foucault, o mesmo que Nietzsche chamava de o inatual ou intempestivo, isto que é *in actu*, a filosofia como ato do pensamento”.

Para Deleuze (1992), é o que torna necessariamente o pensamento perigoso, uma vez que a imagem do pensamento foucaultiano é tomado por várias dimensões, uma vez que pensar é ver e falar em determinadas condições específicas, uma vez que é necessário investigar, como numa escavação arqueológica, de maneira que os objetos atinjam o campo do visível e que a linguagem atinja os campos enunciativos:

É o pensamento como arquivo. Além disso, pensar é poder, estender as relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem a violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja, atos tais como “incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável. É o pensamento como estratégia (DELEUZE, 1992, p. 123).

É a partir das estratégias do que seja pensar, que o pensamento, enquanto processo de subjetivação, entra em diálogos com novas formas de vida, se transforma em maneiras da existência se manifestar, como uma abertura as possibilidades do existir, é o que necessariamente, implica numa estética da existência, um jeito singular de se auto gerar e criar, em busca de atualidades, uma vez que segundo Deleuze, a arqueologia não trata absolutamente daquilo que fomos, uma vez que ela é presente também, se desdobrando em dois polos: áudio e visual (DELEUZE, 1992).

É preciso pegar coisas para extrair delas visibilidades. E a visibilidade de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contado da luz com as coisas. Do mesmo modo, é preciso rachar as palavras ou frases para extrair delas os enunciados. E o enunciado numa época é o regime de linguagem, e as variações inerentes pelas quais ele não cessa de passar, saltando de um sistema homogêneo a outro (a língua está sempre em desequilíbrio) (DELEUZE, 1992, p. 125)

A questão é que, todo estrato, toda formação histórico-discursiva, revela o que se pode falar e ver. Então, a partir dessa perspectiva, como se pode pensar os discursos hoje? O que fazem e como funcionam tais discursos? Quais tipos de visibilidades e enunciados se pode ver e falar hoje? Será que temos sensibilidade para ver além de nós mesmos dentro de um regime discursivo? Há necessariamente, pontos irreduzíveis entre ver e falar, na medida que existe uma disjunção, distinção entre ambos, uma vez que o arquivo é entrecruzado por um fio

condutor, fora do arquivo, que ocupa um espaço singular, no entre, no espaço que surge daquilo que se vê e daquilo que se fala, ou seja, considera-se que falar é diferente de ver, convidando a linguagem a experimentar limites não explorados, exaltando a mesma a partir de potências criativas (DELEUZE, 1992).

Segundo Deleuze (1992), é necessário questionar. Para termos uma noção mais precisa, há se perguntar quais relações existem entre tais dimensões traçadas por Foucault, a exemplo da noção de poder, enquanto um “elemento informal”, que passa dentro, entre e fora das formas de saber, ou seja, uma vez que o poder é força, ele também não assume forma, tendo consigo apenas a característica da força pura, abstrata e intensiva. Seria possível transpor o poder, sem se fechar em relações de força? Daí que surge a subjetivação, enquanto resistência e contraponto aos poderes centralizados em forças asfixiantes, aprisionantes. Transpor a linha de poder, seria dobrar a mesma em si mesma, de forma a produzir uma curvatura da linha para que ela afete a si mesma, em vez de afetar outras forças, e aí, gerar passagens, abrir portas, fazer caminhos novos, antes inexplorados pelo sujeito, que agora entra em uma relação de força consigo mesmo, a se movimentar, resistir, subtrair-se, e aí escapar das forças totalizantes que estão inseridas no poder. Esse ato de romper linhas e abrir possibilidades para o novo, constitui um modo de viver ético, estético, uma vez que

Não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilo de vida (Mesmo o suicídio faz parte delas) (DELEUZE, 1992, p. 127).

Em Deleuze (1992), os processos de subjetivação são individuações, nas quais implicam numa estética da existência que não é identidade, nem representação. Há de se pensar que as individuações também são coletivas, uma vez que essa dimensão só passa existir quando o saber e o poder são transpostos, ultrapassados, dobrados em si mesmos, afetados pela (e na) própria força, a fim de gerar curtos circuitos, passagens que implicam em modos de existir, dentro de um olhar ético, estético, que se furta de uma moral tomada pelo saber e poder:

A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentes (é certo, é errado...); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica (DELEUZE, 1992, p. 129).

O conjunto de regras facultativas, na qual o sujeito é livre operador da existência, é o que se considera aqui como uma ética-estética de valorização da vida. Por exemplo, o sujeito vai tomar uma atitude ou fazer alguma coisa, deve se perguntar primeiramente, quais tipos e modos de vida, o tipo de atitude a ser tomada vai implicar? E que afeta também, a nossa forma de ver e falar, a nível das visibilidades e dos enunciados (DELEUZE, 1992).

Segundo Deleuze (1992), embora exista uma forma de experienciar o pensamento, tal experiência é necessariamente ligada, entrecortando as esferas de saber/poder, com a linha rompida, linha “quebrada”, posta em novas relações de força consigo mesmo. Foucault tinha como análise, as visibilidades, os enunciados, formas que possuem um conteúdo, uma expressão, e o poder opera necessariamente, submisso em tais formas. Trata-se de um mergulho para o reino do abstrato, sem formato, atingindo as intensidades daquilo que a filosofia foucaultiana considera como microfísico. O que há de pertinente, na leitura de Foucault, em tal olhar, é que ele faz uma análise das formações discursivas, determinadas práticas e discursos de uma época, de um sujeito e de um modo de viver. Porém, tais análises foram feitas de forma a investigar formações históricas de longa e curta duração, sempre a confrontar o hoje (atual) com tais formações, uma vez que, para Deleuze (1992, p. 135): “as formações históricas só o interessam porque assinalam de onde nós saímos, o que nos cerca, aquilo com o que estamos em via de romper para encontrar novas relações que nos expressem”.

Segundo Deleuze (1992), o ato de subjetivar-se é considerado uma estética, cuja finalidade é atingir zonas outras tomadas por possibilidades outras de vida, de forma prática, simples, sem interpretações, é necessário “rachar as palavras, rachar as coisas”, escavar, quebrar o entre de duas proposições, e aí, fazer surgir o visível, aquilo que se é visto, do mesmo modo, os conjuntos de enunciados, imbricados com as visibilidades, afetando e sendo afetado, fazendo rachar e sendo rachado, ao mesmo tempo, ambos, invocando cenas visuais, criando também dimensões do “se”, uma terceira pessoa a ser analisada, tomando por exemplo suas dimensões, por exemplo, “fala-se”, “vive-se”, “morre-se”, de modo que a identidade é rachada, não existe mais a dimensão de um “eu”, mas de uma terceira pessoa enquanto acontecimento, a fim de criar novas formas de pensar. Para Deleuze (1992, p.138): “o sujeito é sempre uma derivada. Ele nasce e se esvai na espessura do que se diz, do que se vê”, ou seja, são contrastes matizados, distintos, frutos das relações de forma entre o saber e o poder, e que de todo modo, são forças que nos atravessam, porque estamos inseridos nelas, onde respiramos, vivemos e nos comunicamos. Em tal olhar, é necessário atravessar os jogos de saberes, poderes, relações hierarquizadas, tomadas como modelo a partir de uma

representação homogênea, que se diz universal. É assim que se transpõe a linha, dando um sopro de vida, tornando-a vivível, respirável, constituidora de novas possibilidades, seja pelo “tempo que for possível”, para criar então, uma arte da vida, uma arte do viver, uma arte da existência, uma arte de afirmação da diferença, afirmação da vida nela mesma, como força criadora (DELEUZE, 1992).

Acredita-se aqui, que assim como Nietzsche propunha uma filosofia feita a marteladas, é necessário forjar a linha de força, dobra-la como um ferreiro dobra o metal. Pensar as linhas, significa pensar nas velocidades que as mesmas se entrecortam, como flechas, seguindo direções outras, entrando em atrito, em choque.

É preciso conseguir dobrar a linha, para constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar. Curvar a linha para conseguir viver sobre ela, com ela: questão de vida ou morte. A linha mesmo não para de se desdobrar a velocidades loucas, e nós, nós tentamos dobrar a linha, para constituir “os seres lentos que somos”, atingir “o olho do ciclone”, como diz Michaux: as duas coisas ao mesmo tempo (DELEUZE, 1992, p. 142)

Segundo Deleuze (1992), as rupturas, a quebra da linha, trata-se necessariamente das dobras, como uma operação de um querer artista, uma vez que a fenomenologia enquanto sentido de experiência, passa longe da obra foucaultiana, que por sua vez, privilegia a questão do saber/poder, quais os limites do mesmo, onde se dissolvem, onde deixam de fazer efeito etc. e existem tantas dobras, que apenas quatro são consideradas a nível de relações, que a dobra que constitui nosso corpo, ou seja, as rupturas ou forças voltadas contra si mesmas dentro do corpo, que ao mesmo tempo, produz a “verdade do sujeito”, numa relação que busca afetar a si mesma, de forma que seja possível encontrar novos espaços, é como se abrissem passagens em pequenas fissuras, que permitem a passagem ao novo, considera Deleuze (1992, p. 144): “a dobradura da linha é o que Foucault chama, enfim, de “processo de subjetivação”, quando se põe a estudá-la por si mesma.”, só para citar o exemplo do governo de si através do gregos, como já citado aqui anteriormente, o jogo de forças e poderes entre os homens, que só aqueles que são mestres de si, podem governar o outro, e é a partir daí que se compreende que os processos de subjetivação escapam tanto do saber, quanto do poder, tanto da moral, quanto de forças repressoras, coercitivas. Trata-se de regras na qual o sujeito escolhe para melhor compor consigo mesmo e sua relação com a existência. É isso a subjetivação: dar uma curvatura a linha, fazer com que ela retorne sobre si mesma, ou que a força afete a si mesma. Partindo da premissa, que a subjetivação é a dobradura da curva, fazendo voltar contra e sobre si mesma, infere-se que a subjetividade escapa das relações de

força e poder, na medida em que a subjetividade é a força que escapa as formas aprisionantes que surgem entre o saber/poder. A subjetividade é um espaço temporário, de abertura às experimentações, longe dos crivos da moral castradora e repressora, que bloqueiam a criação de uma estética da existência, individualizante e ao mesmo tempo, coletiva.

3 PISTAS PARA SE PENSAR NUMA BIOLEITURA

Compreendemos que a concepção de leitura é muito abrangente e envolvem questões complexas que atravessam o institucional e sua maquinaria de poder. Hoje a leitura é vista em diversos espaços, às vezes como uma prática atravessada por capturas e normatizações, às vezes aparece como resistência a tais capturas. Deste modo, pretendemos pensar o discurso da leitura no site G1 como um discurso que permite uma análise conceitual a partir do que seja biopolítica e biopoder para então, deslocarmos tais conceitos e aplicar o resultado da nossa análise como uma bioleitura.

A partir das análises feitas sobre o discurso da leitura no portal de notícias G1 (2019), pensar num outro conceito, que seria aplicação das noções de biopolítica e biopoder para nosso objeto de estudo, e aí, situá-lo como ‘bioleitura’, noção resultante de uma correlação conceitual. Nosso estudo, nessa parte da dissertação, é composto da seguinte forma: [1] delimitação e implicação da noção de biopolítica e biopoder tal qual Foucault concebe; [2] deslocamento conceitual para o campo do discurso no qual a notícia sobre leitura é enunciada (site G1); [3] aplicação dos conceitos sobre o objeto de pesquisa, de modo a pensar num outro campo discursivo enunciativo, no qual a leitura possa ser considerada também através do prisma foucaultiano, que se configura como uma multiplicidade de olhares para analisar o objeto de pesquisa.

Através das oficinas de leituras foucaultianas realizadas no grupo de pesquisa sobre Linguagem, Sociedade e Produção de Discursos (LINSP), apresentamos as formas na qual a leitura é suscitada em diversas práticas e suas modalidades de exercer-se em sociedade. Em nosso caso, trata-se do discurso da sobre leitura no site G1 (2018-2019).

As instituições, em tal olhar, exercem um tipo de força na subjetividade dos sujeitos, de modo que os mesmos são ‘obrigados’ a ‘obedecer’ determinados conjuntos de regras (institucionais ou não) que delimitam o tipo de prática em seu interior. Trata-se sobretudo de como vão agir, se comportar, experimentar, interpretar, viver em sociedade.

3.1 A Leitura Na Sociedade do Controle

Deleuze (1992) desenvolve questões pertinentes acerca da nossa atualidade em termos de sociedade, de modo a se aprofundar e delimitar as práticas de poder dentro de um prisma ‘multidimensional’. Tais práticas dizem respeito às sociedades de soberania, disciplinares e de controle: três estâncias no qual os poderes que constituem as sociedades são analisados. Destacamos as palavras disciplinar e ‘controle’ para se pensar na organização dos corpos, espaços diversos, tipos de sujeitos, subjetividades que tem o poder de afetar e serem afetadas. Vamos pensar agora sobre a questão da leitura e os discursos que atravessam a mesma para servir aos interesses daqueles que exercem o poder de controlar. Pergunta-se: quem controla os tipos de comunicações hoje?

Para Deleuze (1992), é certo que já estamos nas sociedades do controle, sociedades que possuem poder de controle sobre a vida do sujeito, o modo que o mesmo existe e a maneira pela qual exerce as práticas dentro do sistema social. Estamos falando da norma e suas regras que constituem seus processos de agir sobre o sujeito. Não somos a sociedade disciplinada, aquela cujo corpo é disciplinado por práticas disciplinares, já não se trata mais de disciplinar o corpo através de tecnologias do poder e seus desdobramentos e modelos de agir no interior de nossa sociedade. Há aí, uma série de questões para se pensar, por exemplo, o papel das instituições nas sociedades disciplinares: confinamento do sujeito dentro do hospital, prisão, escola, convento, quartel, fábrica etc.

O sujeito sempre dentro de um espaço em direção ao outro. Pergunto: em qual espaço você se encontra agora? E de qual espaço você veio? O sujeito está sempre em constante deslocamento, sendo afetado por tais espaços e as leis que os configuram. No entanto, a questão disciplinar é ultrapassada pelas formas de controle, que ocorrem de forma contínua, sem cessar, numa constante batalha. Controlar os corpos é agir sobre os mesmos de uma forma que muitas vezes é sutil, quase passando despercebida. Significa que nossa vida já é controlada antes mesmo de nascermos, uma vez que passamos pelos discursos que já circulavam quando nascemos.

Na sequência, apresentamos a primeira cena (cartografada) sobre os modos de reduzir a pena de detentos por leitura de livros. Há aí, o atravessamento do discurso jurídico-institucional no que concerne a prática de leitura dentro do presídio. Trata-se da remição do preso através da leitura.

Figura 21: Projeto de Redução de Pena



Fonte: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/02/projeto-de-reducao-de-pena-de-detentos-por-leitura-de-livros-sera-implantado-em-nhamunda-no-am.ghml>

Neste cenário, qual é o papel da leitura? Redimir detentos! Mas quem pode autorizar tal prática? O poder judiciário. Logo, juntando o visível e o enunciado que atravessa esse discurso, temos a produção de um saber sobre os sujeitos que se encontram num espaço fechado e separado do convívio público. A leitura serve para reduzir pena? Temos aí uma tecnologia de controle do sujeito para que o mesmo direcione o olhar para os tipos de leitura permitido pela defensoria pública do estado do Amazônia. Identifica-se aí o apagamento de dois sujeitos, primeiro, a de quem escreve a matéria, se limitando apenas a ser “G1 AM”, segundo, do sujeito de quem se fala, neste caso, os próprios detentos que não possuem lugar de fala.

Pela regra principal da proposta, o preso que ler, no prazo de 30 dias, uma obra literária, clássica, científica ou filosófica, apresentando ao final do período uma resenha elaborada por ele a respeito do assunto, terá remido quatro dias de sua pena. Até o final de 12 obras, efetivamente lidas e avaliadas, ele poderá remir 48 dias de pena, no prazo de 12 meses. (G1 AM, 2019).

Reparem que os detentos não possuem lugar de fala porque há outras vozes que falam por eles. Fica aí a ideia para se pensar a questão do governo de si e o governo do outro. A ordem parte da recomendação nº 44 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), de 26/11/2013, sendo que a comissão avaliadora que é a Secretária Municipal de Educação juntamente com outras

secretarias do estado, de modo a avaliar aspectos relacionados à compreensão e compatibilidade do texto com o livro trabalhado. Na matéria diz que o defensor do projeto está feliz com o engajamento do secretário municipal, delegado e juiz, pessoas que estão autorizadas, dentro deste prisma, a dizer quem leu e quem não leu e de como serão julgados através da mensuração de notas que vão de 0 a 10. Há nessa prática um tipo de controle? Como a leitura aí é aplicada? Se ler serve para reduzir a pena, o que temos de importante neste enunciado? Quem ler mais fica livre primeiro. A leitura neste prisma serve como ferramenta de controle de um tipo de sujeito estabelecido num espaço institucional, que é a prisão, mas delimitada e situada por outra instituição que é o poder judiciário estadual, como bem visível na fotografia que integra a matéria.

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte. (DELEUZE, 1992, p. 220).

Analisar os agenciamentos coletivos diz respeito a noção da leitura, na forma como é apresentada, dentro da própria coletividade enunciativa que compõem os elementos do discurso. Para cada período histórico que vai constituindo a sociedade, há mecanismos de poder que se configuram como elementos e diretrizes que atravessam o sujeito na sua forma de se relacionar com o tipo de sociedade na qual está inserido. Faz necessário pensar na rede enunciativa entre tais sociedades, entre tais máquinas de controle do corpo social em suas variadas dimensões e camadas pela história. O que podemos estabelecer nos deslocamentos de uma sociedade à outra? As sociedades do controle também são passíveis de suscitar resistências, mas há aí uma operação a ser feita, que seria ‘transversalizar’ os discursos, mas não se trata apenas de fazer as minorias retomarem a palavra, mas de produzir desvios para a fala, de modo a criar possibilidades outras para a insurgência e suscitar os acontecimentos singulares para escapar do controle normativo.

Num primeiro momento, pensamos na questão histórica de tais sociedades, a exemplo das formas de organização e formas de confinamento do sujeito dentro das instituições. O sujeito sempre indo de um espaço fechado para o outro, sempre confinado nestes espaços, nos quais possuem regras próprias, leis próprias. Isso diz respeito aos tipos de sociedades do controle. O termo é usado como a grande aberração da nossa atualidade, sob as diversas formas de controle que existem por aí, inclusive em espaços abertos. É como se nossas vidas fossem

controladas e vigiadas 24 horas por dia. Um guarda, uma placa, uma instituição, uma câmera etc. Num segundo momento, focamos na questão do internato (sujeitos em espaços que possuem o confinamento) e seus desdobramentos dentro do registro social. Há maneiras distintas de controlar os sujeitos. Todo confinamento funciona como um ‘molde’, um padrão específico cuja malhas são engrenagens do poder. Na sociedade do controle, tudo é contínuo e nada termina, sempre por vias de se refazer e recomeçar. Por exemplo, o marketing enquanto mecanismo de controle social. Vivemos vigiados, o mundo digital é essa grande máquina de controle. Num terceiro momento, temos uma programação direta na vida do sujeito, o controle midiático, o controle tecnológico virtual. Cartões de créditos, chips, assinaturas, CPF, identidade, carteira de trabalho, diploma etc. Por exemplo, na escola, a avaliação continua como forma de controle, que segundo Deleuze (1992, p. 229): “são exemplos frágeis, mas que permitiriam compreender melhor o que se entende por crise das instituições, isto é, a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação.” E a questão que se coloca, é sobre as disciplinas, as formas de confinamento, as formas de controle irão se relacionar com as resistências insurgentes? Nestes termos, conseguem enxergar aproximações entre a leitura feita na escola e a feita no presídio, parecem ter o mesmo discurso, apesar de se revelarem de maneiras distintas, o enunciado discursivo nos leva a pensar a leitura como um elemento de controle dentro de tais espaços (DELEUZE, 1992).

3.2 BIO O QUÊ? SOBRE POLÍTICA E PODER...

Sobre o curso “Segurança, Território e População”, ministrado por Michel Foucault no *Collège de France* (1977-1978). Neste curso, podemos pensar questões propostas que refletem dentro de um trabalho conceitual que corresponde com as questões do curso “O Nascimento da Biopolítica”, também ministrado por Foucault no *Collège de France* (1978-1979). Não diria que um curso é a continuidade do outro, mas que existem ressonâncias entre os mesmos, na medida em que a problemática desenvolvida por Foucault, trata necessariamente em torno do que seja a Biopolítica e o Biopoder, considerados aqui, como conceitos que nos permite pensar a relação e exercício do poder sobre a organização da vida:

O tema escolhido era portanto a "biopolítica": eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças... Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam desde o século XIX e que desafios políticos e econômicos eles vêm constituindo até hoje. (FOUCAULT, 2008a, p. 431).

A noção de biopolítica, tal qual Foucault concebe, envolve as questões sociais que nos afetam diretamente. São conjuntos de problemas e soluções produzidas a fim de controlar a sociedade numa organização específica, cuja determinação é estabelecida pelo poder de decisão e direito sobre a vida do outro. Nestes termos, podemos pensar nas instituições que modelam a sociedade, instituições que produzem regras específicas nas quais são aplicadas a tipos de sujeitos. Temos aí a polícia, o estado, a lei, a ordem, a moral, o discurso médico, jurídico, religioso etc. como processos que produzem um tipo de poder sobre os corpos e vida.

Figura 22: Leitura de Férias



Fonte: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2019/01/21/sesc-caruaru-promove-programacao-de-leitura-durante-ferias.ghtml>

Novamente aparece o apagamento do redator que é substituído pelo nome G1 Caruaru. Neste enunciado, temos a promoção de leitura durante as férias e que foi organizada dentro da biblioteca Álvaro Lins, permitindo apenas a entrada de crianças entre seis e onze anos. Trata-se de um clube de leitura que tem por objetivo tornar a leitura um ato de prazer. Na matéria, o bibliotecário do SESC Caruaru, Mário Fernandes, fala seu ponto de vista que é necessariamente sobre “atrair as crianças para o universo da leitura é sempre muito importante. Preencher a agenda delas com alguma atividade voltada para a literatura, além de ser saudável, alegre e agradável, ajudar na formação de futuros leitores”. Neste exemplo, percebemos que o sujeito que participa efetivamente do projeto (neste caso, crianças entre seis

e onze anos), só aparecem no discurso enquanto imagem, na qual podemos ver as crianças sentadas num modelo de organização, tendo à frente uma biblioteca com diversos livros literários. Na imagem, crianças posicionadas e atentas a quem fala. Podem participar crianças entre seis e onze anos. Por que tal faixa etária? Quem está incluído aí? A notícia fala de estimular o prazer pela leitura. Não há depoimentos das crianças que participam do projeto, mas neste caso, quem fala por elas, é um bibliotecário de uma instituição, neste caso, SESC Caruaru, órgão responsável pela criação de tal política para gerenciar a o hábito da leitura nas férias. Trata-se da prática de leitura como atividade prazerosa para as crianças de uma determinada faixa etária.

Segundo Foucault (2008a), para compreender a questão da biopolítica, é necessário entender, de certa forma, o modo como funciona o liberalismo, para então, podermos compreender o que seria a biopolítica. Em tal perspectiva, trata-se de iluminar pontos obscurecidos nas racionalidades a qual se instaurou o poder sobre a vida. Trata-se da disciplinarização e organização da vida, dentro de determinadas práticas sociais, a exemplo da lei, a ordem, o estado, a sociedade civil, a política criada para gerenciar a vida. Os sujeitos são serializados, marcados, rotulados. A vida, então, é organizada num modelo específico para atender determinadas funções do poder que as controla. Vejamos os tipos de leitores em suas materialidades discursivas, as formas como se apresentam, se deslocam, transformam, em diferentes nuances e espaços, concepções distintas do que seja a leitura.

"Auto limitação da razão governamental": O que quer dizer isso, afinal? O que é esse novo tipo de racionalidade na arte de governar, esse novo tipo de cálculo que consiste em dizer e em fazer o governo dizer "aceito, quero, projeto, calcula que não se deve mexer em nada disso?" Pois bem, acho que é isso que se chama, em linhas gerais, "liberalismo" (FOUCAULT, 2008a, p. 27).

Segundo Foucault (2008a), a biopolítica é quando se cria as políticas para a gestão da vida dos sujeitos, uma política que gerencia a vida dentro de uma política que separa sujeitos em suas disposições sociais, políticas, sexuais, culturais, econômicas etc. A questão critica a postura liberal no sentido da governamentalidade dos corpos. A biopolítica em tal olhar, é uma questão da organização da vida em torno de uma política de governo na qual a vida é gerenciada por tipos de procedimentos ditos racionalistas a fim de controlar os sujeitos dentro de um campo social normativo. A leitura compreendida assim é inerente na formação da raça humana e do convívio da mesma em sociedade. Sem a leitura, não avançaríamos muito, mas a questão que aparece, é sobre as formas de controle sobre a leitura para direcionar um tipo de pensamento no corpo social, que está atravessado por estratégias políticas. Em tais notícias

apresentadas no portal G1, não aparece a questão da leitura com interfaces outras, mas sempre retornando a mesma para dentro do campo literário. Agora é que nos vem a questão: se o que é visível é a noção de leitura enquanto prática literária, qual seria aí, o não dito? O que está sendo estratificado por tal visibilidade?

Segundo Foucault (2008b), a noção de biopoder é uma série de acontecimentos marcados por certa relevância no corpo social, são eventos de importância que configuram determinadas formas que vão constituir (e constituem) o sujeito a partir de uma estratégia de controle através das relações de poder. Não se trata aqui de explanar sobre uma teoria do poder, mas de suscitar uma analítica do poder, proveniente de procedimentos que intentam manter-se no poder.

Figura 23: Como cultivar hábito de leitura diário



Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/19/como-cultivar-um-habito-de-leitura-diario.ghtml>

Neste momento, temos o enunciado que mais se repete nas notícias que aparecem no portal de notícias G1. Cultivar o hábito pela leitura, o incentivo pela leitura. Esse enunciado diz que não lemos muito... A notícia apresenta ainda, a ideia de que a leitura reduz o estresse, de maneira a apresentar tópicos que funcionam como um ‘manual’ explicativo como se deve ler. A imagem, uma grande biblioteca, reproduzindo o discurso que o lugar da leitura é um espaço fechado e institucional e que em tais espaços, é possível reduzir o estresse. No enunciado, temos o apagamento de escreve, que neste caso a matéria é assinada pela BBC, na qual apresenta nomes como *Elon Musk*, *Barack Obama* como incentivadores da leitura. Para além de tudo, há ainda o discurso do psicólogo social David Kidd, cujo ponto de vista sobre

leitura é direcionado para a ficção como melhor forma de iniciar uma prática empática da leitura. São alguns dos nomes que agregam a notícia sobre o hábito de leitura. Observem que a leitura aí é atravessada por vários discursos para validar um olhar de incentivo que acaba caindo no literário desdobrado em sua sessão ficcional.

Essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. (FOUCAULT, 2008b, p. 3).

Biopoder em tal olhar, é a insurgência do poder sobre a vida do outro, sempre querendo dizer como o outro deve se comportar, experimentar e viver a própria vida. Neste sentido, na qual a leitura é apresentada, podemos toma-la como uma forma de controle.

Segundo Foucault (2005), o conjunto de práticas, procedimentos, processos, controle de natalidade e mortalidade, economia, política etc. é o que constitui as formações primeiras de objetos de controle dessa biopolítica. Trata-se de uma tecnologia do poder que atravessa a biopolítica e o biopoder, de modo a se instalar sobre eles e produzir uma política do corpo que afeta a população, com o poder de decidir quem vai viver e quem vai morrer. Nestes termos, no qual a leitura se apresenta, pergunta-se: quem é permitido ler? Uma vez que é necessário se alfabetizar. Não se trata apenas de um discurso científico, mas de uma biopolítica que ordena a forma como as pessoas devem viver. De tal maneira, vemos aí o poder atravessando processos de vida e na própria vida. Vivenciamos um poder cuja função é se apoderar da vida, de tomar o corpo para si, e aqui o sentido da vida pode ser expandido para seu aspecto geral.

Poder disciplinar, biopoder: tudo isso percorreu, sustentou a muque a sociedade nazista (assunção do biológico, da procriação, da hereditariedade; assunção também da doença, dos acidentes). Não há sociedade a um só tempo mais disciplinar e mais previdenciária do que a que foi implantada, ou em todo caso projetada, pelos nazistas. O controle das eventualidades próprias dos processos biológicos era um dos objetivos imediatos do regime (FOUCAULT, 2005, p. 309)

No que concerne à leitura, temos a produção de uma sociedade que decide quem serão os leitores. O biopoder tem em sua configuração a disciplinarização e a regularização dos corpos através de políticas que gerenciam a vida. É um poder que permite quem vai morrer ou viver dentro de um sistema político que gira em torno do “exercício do biopoder”, uma espécie de imperativo da morte. É o poder soberano que ‘permite’ matar ou fazer viver

através do biopoder, elemento fundamental e regularizador de todo o corpo social. (FOUCAULT, 2005)

3.3 A FORMAÇÃO DOS CONCEITOS EM A ARQUEOLOGIA DO SABER

Neste tópico, a ideia é discorrer como se forma um conceito em um tipo de discurso. Segundo Foucault (2008c), acerca da formação dos conceitos, é importante descrever o campo de enunciados nos quais suas visibilidades insurgem e circulam. Os enunciados estão conectados entre si por um tipo de discurso, num nível próprio, para falar do lugar no qual emergem os conceitos: trata-se de descrever a rede conceitual num nível em que as regularidades sejam intrínsecas ao discurso, de modo a pensar as práticas discursivas a partir de um prisma que não pretende a origem, continuidade, etc. Segundo Foucault (2008, p. 69): “Na análise que aqui se propõe, as regras de formação têm seu lugar não na "mentalidade" ou na consciência dos indivíduos, mas no próprio discurso; elas se impõem, por conseguinte, segundo um tipo de anonimato uniforme, a todos os indivíduos que tentam falar nesse campo discursivo.”, o que nos permite pensar que as regras que formam os conceitos não é o resultante de práticas coletivas, além de não precisar relacioná-los a história das ideias, ao sujeito cognoscível.

Figura 24: Artistas e Gosto pela Leitura

Artistas de Bauru percorrem a região incentivando o gosto pela leitura

Bauru, Garça, Jaú e Marília recebem atividades do grupo 'Os Cabeças de Livro'.

Por G1 Bauru e Marília
20/03/2019 18h32 - Atualizado há 2 meses



Grupo incentiva leitura em Bauru e região — Foto: Divulgação

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2019/03/20/artistas-de-bauru-percorrem-a-regiao-incentivando-o-gosto-pela-leitura.ghtml>

Neste enunciado, temos o incentivo pelo gosto da leitura através do discurso artístico. Trata do grupo “Os Cabeças de Livro”, viajantes que percorrem as cidades incentivando a leitura. Um dado importante, é que na agenda do grupo, em termos de locais de apresentação, aparece apenas uma cidade cuja apresentação será em um parque, de modo que os demais locais são bibliotecas, consideradas aqui como um espaço institucional e que exerce um tipo de poder no interior de nossa sociedade. Há aí a reprodução de um discurso bem sutil, mas que em si, carrega uma série de armadilhas: a de que a leitura deve ser feita na biblioteca ou na escola. Mas, o que diz a imagem com livros na cabeça? Essas cores...

Para tanto, segundo o autor, é pertinente pensar as formas de organização e disposição das séries enunciativas, sua ordem, descrição, esquema, etc. de modo pensar as correlações com o enunciado. O que vai orientar o surgimento e a regularidade dos conceitos, segundo o autor:

[...]é a disposição geral dos enunciados e sua seriação em conjuntos determinados; é a maneira de transcrever o que se observa e de reconstituir, no fio dos enunciados, um percurso perceptivo; é a relação e o jogo de subordinações entre descrever, articular em traços distintivos, caracterizar e classificar; é a posição recíproca das observações particulares e dos princípios gerais; é o sistema de dependência entre o que se aprendeu, o que se viu, o que se deduz, o que se admite como provável, o que se postula (FOUCAULT, 2008, p. 63).

Segundo Foucault (2008c), o campo enunciativo é configurado também por modelos que entram em coexistências que delimitam enunciados já formulados e que são retomados em outro discurso. Trata aí, de enunciados que correspondem ao domínio de objetivos que são pertencentes de formações discursivas distintas: “Finalmente, o campo enunciativo compreende o que se poderia chamar um domínio de memória” (2008, p. 64). Há aí uma operação na qual os enunciados que não se caracterizam, nem são aceitos ou discutidos, mas que fundam uma filiação, de modo a estabelecer transformações e (des)continuidades históricas. Temos, então, uma série de intervenções aplicadas aos enunciados: técnicas de reescrita, métodos de transcrição, modo de tradução, aproximação, delimitações, transferência, sistematização:

Mas o que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros: a maneira, por exemplo, pela qual a disposição das descrições ou das narrações está ligada às técnicas de reescrita; a maneira pela qual o campo de memória está ligado às formas de hierarquia e de subordinação que regem os enunciados de um texto; a maneira pela qual estão ligados os modos de aproximação e de desenvolvimento dos

enunciados e os modos de crítica, de comentários, de interpretação de enunciados já formulados etc. (FOUCAULT, 2008, p. 66)

Figura 25: Leitura brinca com a imaginação



Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/especial-publicitario/objetivo-sorocaba/conduzindo-o-melhor-de-voce/noticia/2019/03/12/leitura-brinca-com-a-imaginacao-e-leva-o-leitor-a-criar.ghtml>

Temos aí um enunciado que é muito conhecido: a de que ler é brincar com a imaginação. De fato, é um enunciado muito bonito, nos leva a crer num mundo de possibilidade outras. No entanto, há aí uma armadilha, cujo esquema está no direcionamento do olhar para o âmbito da imaginação, silenciando assim, aspectos outros da leitura, a exemplo, da leitura enquanto prática de resistência ao poder. Na imagem temos na cor amarela, um outro enunciado importante, o “especial publicitário”, já demarcando um status de urgência. O redator do texto é Nelson Fonseca Neto, professor do Objetivo Sorocaba. Importante frisar, que a matéria possui em princípio, a assinatura da instituição “Objetivo Sorocaba”, e ao final do texto, tem o nome do redator. E nisso tudo, há um banner de publicidade, divulgando o colégio Objetivo Sorocaba. Trata-se, então, de uma matéria incentivando a leitura, mas dentro do discurso de uma escola particular a fomentar o exercício da imaginação através da indicação de obras literárias, sem falar de uma leitura outra, a exemplo crítica, política ou filosófica.

Segundo Foucault (2008c), é esse conjunto de relações que formam um sistema de formação conceitual. Descrever tal sistema não equivale à descrição imediata dos conceitos, uma vez que não se trata de estabelecer as aproximações ou contrastes, mas de estabelecer por esquemas os tipos de enunciados que estão conectados uns aos outros, enunciados que possuem ligações entre si. O autor estabelece elementos regulares dos enunciados e de como os mesmos se deslocam para outros campos e são retomados em novos conteúdos, o que permite caracterizar a dispersão anônima dos conceitos através de livros, textos, obras etc. das quais delimitam um tipo de discurso. Ocorre aí uma delimitação do campo no qual os conceitos coexistem com as regras que submetem os mesmos.

Segundo Machado (1981), a nível dos conceitos, não se trata de analisar os mesmos num modelo no qual seria possível delimitar sua arquitetura dedutiva constituída pelos principais conceitos científicos, mas de considerar as condições de possibilidade, as regras que permitem o aparecimento e a transformação dos conceitos dentro de um campo discursivo, é daí que surge a ideia do “pré-conceitual”, um espaço no qual os conceitos podem coexistir segundo regras de formação que os correlacionam dentro de um ponto de intersecção. Tal sistema, segundo o autor, deve dar conta dos processos que fazem emergir os conceitos de forma simultânea, dispersa, heterogênea etc.

Figura 26: Atrofiando hábito de leitura em práticas digitais?

Hábitos digitais estão 'atrofiando' nossa habilidade de leitura e compreensão?

Neurocientista explica que, como leitores cada vez mais digitais e desatentos, podemos comprometer nossa capacidade de entender textos complexos, de desenvolver empatia e de pensar criticamente.



Por BBC

25/04/2019 13h09 / Atualizado há um mês



-Hil - Criança mexe em um smartphone enquanto ouve música com fones de ouvido; celular — Foto: Anne-Sophie Boudin/PressPhoto/Alto

Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/25/habitos-digitais-estao-atrofiando-nossa-habilidade-de-leitura-e-compreensao.ghtml>

Outro enunciado, atravessado por modalidades enunciativas que destacam pontos específicos do discurso: quem fala? De onde fala? Para quem fala? Esta notícia foi publicada

inicialmente no BBC, e depois ‘desagou’ no G1, mostrando assim a sua condição de ‘portal’ de notícias. Temos aí o nome de *Maryanne Wolf*, apresentada como neurocientista e pesquisadora da universidade da Califórnia e diretora do Centro de Dislexia, Aprendizagem Diversa e Justiça Social da UCLA. A matéria fala dos hábitos digitais que estão nos afetando diariamente, de modo a perder o pensamento crítico por conta das tarefas que realizamos quando estamos online. O discurso é o da neurociência produzida nos EUA, numa matéria que está na seção educação do site G1. Nosso objetivo é revelar discursos que circulam sobre leitura no portal G1 e de como os mesmos se encadeiam em formações discursivas diferentes e ao mesmo tempo reproduzem suas tecnologias de controle e poder.

CONSIDERAÇÕES ‘ARQUEOGENEALÓGICAS’: DIAGNÓSTICANDO O PRESENTE

É sempre difícil chegar a alguma conclusão quando se é tomado pelos conceitos foucaultianos. A consideração final também implica que chegamos ao fim de alguma coisa e por isso encerramos o exercício do pensamento. Por isso, tratamos aqui de considerações ‘arqueogenealógicas’, que se configuram como uma consideração implicada no momento presente, de modo a produzir fios condutores que nos façam pensar criticamente a nossa atualidade, o nosso Hoje.

Objetivamos trazer um pouco de nossas análises discursivas, de modo a deslocar o trabalho analítico-conceitual de biopoder e biopolítica para se pensar numa bioleitura: a organização biopolítica dos corpos que lêem. Trata-se de inserir o discurso da leitura apresentado no site G1 (2018-2019) dentro de um “prisma geral” dos conceitos foucaultianos de biopoder e biopolítica. Já apresentamos como é feita a análise do discurso em nível dos conceitos. O que fazemos aqui é deslocar os conceitos de um campo enunciativo para aplicá-los em outros campos dos saberes.

Observou-se que a leitura em sentido normativo, passa a compor a paisagem da cidade, saindo do espaço escolar e atingindo todo um campo social. Mesmo que em escala pequena, temos visibilidade do incentivo da leitura em outros espaços, nos quais muitos desses discursos se configuram para reproduzir discursos de normatização, dentro de espaços institucionais.

Os conceitos de biopoder e biopolítica são responsáveis pela hierarquização, disciplinarização e organização dos corpos em um campo social. Nos parece pertinente pensar a Bioleitura como uma prática que corresponde com a teoria suscitada por Foucault, na medida em que as observações feitas até aqui, permitem visualizar uma gama política e uma série de estratégias de controles que atravessam as práticas de leitura no Brasil.

Ao se chegar em vários enunciados que se repetem exaustivamente, dentre eles, o incentivo pela leitura, podemos observar que carrega consigo, o ‘fantasma’ do não-dito: que não lemos o suficiente e por isso devemos ter projetos de incentivo à leitura. Não se trata aqui de um radicalismo, mas de algo que está bem nítido em tais discursos porque se trata de um enunciado que se repete constantemente todas as semanas.

Essa posição assumida, diz respeito aos discursos que vemos emergir para ‘incentivar’ a leitura. É a estância jurídica, educacional, pedagógica, artística etc. mas nunca a leitura para se revoltar contra sistemas considerados normativos e dominantes. Pelo contrário, são leituras

selecionadas, na maioria das vezes, leituras que dizem respeito a contos literários, contos de massa midiática, de modo a direcionar o olhar do leitor para o lazer e entretenimento. Seria esse o discurso que nos apresentam hoje, enquanto prática de leitura.

A Bioleitura corresponde com práticas de leituras que surgem a todo instante, nos diversos lugares e espaços através de políticas de controle dos corpos e dos espaços. A Bioleitura em tais termos, assume o papel de carrasco e decide quem vai ler, o que vai ser lido, e aonde vai ler.

Os leitores são sujeitos produzidos por tais discursos e se adequam a uma norma que evidencia a leitura enquanto aspecto literário ou por lazer e entretenimento. E os recortes vão sendo feitos para que nossa compreensão de leitura seja uma coisa fantasiosa ou que estimule mais as capacidades cognitivas do sujeito.

Uma outra determinante é a produção de subjetividades através da leitura praticada no interior de tais instituições. Os sujeitos são subjetivados pelas leituras que fazem, sendo assim, dentro do discurso prisional, por exemplo, cujo sujeito depara com a leitura obrigatória da bíblia e vai se subjetivando pelo discurso religioso-institucional.

Bioleitura porque temos aí quem autoriza o que pode ser lido e porque deve ser lido, mas também há resistência. Temos aí a leitura saindo do espaço institucional e alcançando o campo social, chegando nas ruas. No entanto, o fato da leitura estar nas ruas, não significa que produziu efetivamente um desvio da norma, mas que se tensiona numa escalada de resistência para a produção de novas práticas e modos de leitura.

REFERÊNCIAS

Artistas de Bauru percorrem a região incentivando o gosto pela leitura. **G1 Bauru e Marília**. Bauru. 20 de mar. De 2019 às 18h32. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2019/03/20/artistas-de-bauru-percorrem-a-regiao-incentivando-o-gosto-pela-leitura.ghtml>> Acesso em 25 de jun. de 2019.

'As cores da escravidão' e 'Crime e castigo': veja livros que lideram preferência dos presos do DF. **Por Letícia Carvalho, G1 DF**. Disponível em <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/06/24/as-cores-da-escravidao-e-crime-e-castigo-veja-livros-que-lideram-preferencia-dos-presos-do-df.ghtml> acesso em 25 de jun. de 2019

Como cultivar um hábito de leitura diário. **BBC**. 19 de abril de 2019 às 18h03. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/19/como-cultivar-um-habito-de-leitura-diario.ghtml>> Acesso em 25 de jun. de 2019.

DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. **Dois Regimes de Loucos**. São Paulo: Editoria 34, 2016

Especialista incentiva que hábito da leitura tenha início ainda na infância. **Por Leandro Melo e Carolina Paes, Diário TV**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/especialista-alerta-que-leitura-deve-comecar-ainda-na-infancia-para-se-tornar-habito.ghtml> acesso em 25 de jun. de 2019

Flimar 2013 dedica espaço de leitura e diversão para público infantil. **Por Fabiana De Mutiis, do G1 AL**. Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/09/flimar-2013-dedica-espaco-de-leitura-e-diversao-para-publico-infantil.html> acesso em 25 de jun. de 2019

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008c.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Curso no Collège de France (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2009

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto. Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontan. Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008

FOUCAULT, M. **O corpo utópico e as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo, N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins, Fontes. 2001.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

G1, Portal de Notícias. <https://g1.globo.com/>

Hábitos digitais estão 'atrofiando' nossa habilidade de leitura e compreensão? BBC. 25 de abril de 2019 às 13h05. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/25/habitos-digitais-estao-atrofiando-nossa-habilidade-de-leitura-e-comprensao.ghtml>> Acesso em 25 de jun. de 2019.

Leitura brinca com a imaginação e leva o leitor a criar. **Objetivo Sorocaba**. Sorocaba. 12 de mar. De 2019 às 09h26. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/especial-publicitario/objetivo-sorocaba/conduzindo-o-melhor-de-voce/noticia/2019/03/12/leitura-brinca-com-a-imaginacao-e-leva-o-leitor-a-criar.ghtml>> Acesso em 25 de jun. de 2019.

Leitura é um hábito que contribui diretamente na alfabetização infantil. **Por Colégio Uirapuru**. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/especial-publicitario/colégio-uirapuru/grandes-historias-no-colegio-uirapuru/noticia/2019/04/18/leitura-e-um-habito-que-contribui-diretamente-na-alfabetizacao-infantil.ghtml> acesso em 25 de jun. de 2019

MACHADO, R. **Ciência e Saber**: a trajetória de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981

Presos poderão reduzir pena por meio de leitura em cadeia de Araguatins. **Por G1 Tocantins**. Disponível em <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/presos-poderao-reduzir-pena-por-meio-de-leitura-em-cadeia-de-araguatins.ghtml> acesso em 25 de jun. de 2019

Professor influencia hábito de leitura, diz pesquisa. **Por Agência Estado**. Disponível em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/07/professor-influencia-habito-de-leitura-diz-pesquisa.html> acesso em 25 de jun. de 2019

Projeto de redução de pena de detentos por leitura de livros será implantado em Nhamundá, no AM. **G1 AM**. Manaus. 02 de mai. De 2019 às 15h39. Disponível em <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/05/02/projeto-de-reducao-de-pena-de-detentos-por-leitura-de-livros-sera-implantado-em-nhamunda-no-am.ghtml>> Acesso em: 25 de jun. de 2019

Projeto leva leitura e teatro para o Lar dos Vicentinos, em Cruzeiro do Sul (AC). **Por Mazinho Rogério, G1 AC**. Disponível em <https://g1.globo.com/ac/cruzeiro-do-sul-regiao/noticia/2019/06/21/projeto-leva-leitura-e-teatro-para-o-lar-dos-vicentinos-em-cruzeiro-do-sul-ac.ghtml> acesso em 25 de jun. de 2019

Projeto realiza trilhas literárias pelas ruas de Belém. **Por G1 Pará**. Disponível em <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/06/20/projeto-realiza-trilhas-literarias-pelas-ruas-de-belem.ghtml> acesso em 25 de jun. de 2019

Sesc Caruaru promove programação de leitura durante férias. **G1 Caruaru**. Caruaru. 21 de jan. de 2019 às 18h04. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2019/01/21/sesc-caruaru-promove-programacao-de-leitura-durante-ferias.ghtml>> Acesso em 25 de jun. de 2019

Veja dois lançamentos de livros que podem ajudar o comportamento humano. **Por G1 Santos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/mais-saude/noticia/2019/06/15/veja-dois-lancamentos-de-livros-que-podem-ajudar-o-comportamento-humano.ghtml> acesso em 25 de jun. de 2019